

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**O CURSO DE PEDAGOGIA E A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL:  
TRILHANDO CAMINHOS**

**Autora: Vanessa Mantovani Bedani**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva**

**SÃO CARLOS – SP  
MARÇO/2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**O CURSO DE PEDAGOGIA E A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL:  
TRILHANDO CAMINHOS**

**Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação, do  
Centro de Educação e Ciências  
Humanas da Universidade Federal  
de São Carlos, como parte dos  
requisitos para obtenção do Título  
de Mestre em Educação**

**SÃO CARLOS/SP  
MARÇO/2006**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B399cp

Bedani, Vanessa Mantovani.

O curso de pedagogia e a diversidade étnico-racial :  
trilhando caminhos / Vanessa Mantovani Bedani. -- São  
Carlos : UFSCar, 2008.

82 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2006.

1. Professores - formação. 2. Diversidade étnico-racial. 3.  
Educação. 4. Relações étnicas e raciais. I. Título.

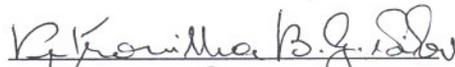
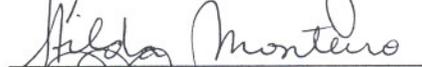
CDD: 370.71 (20<sup>a</sup>)

**BANCA EXAMINADORA**

Profª Drª Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Profª Drª Hilda Maria Monteiro Vieira

Profª Drª Emília Freitas de Lima

  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_

**Este trabalho foi realizado dentro do quadro de pesquisa do Grupo de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos e do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro da Universidade Federal de São Carlos**

Dedico este trabalho aos meus pais, as pessoas mais importantes da minha  
vida!

À minha mãe,  
por ser meu porto seguro eterno;  
por sua espiritualidade;  
por seus ensinamentos;  
por seu amor e apoio incondicional.

À meu pai,  
por sua dignidade;  
por sua força de trabalho incansável;  
por sempre me oferecer condições para estudar;  
E por sempre, à sua maneira, respeitar minhas escolhas.

## AGRADECIMENTOS

Quero expressar meus sinceros agradecimentos a todas às pessoas que me acompanharam e contribuíram para a realização desta pesquisa.

A Deus, à espiritualidade e ao Mestre Lanto por sempre me sustentarem espiritualmente.

À minha família, pelo apoio, carinho e interesse demonstrado durante a elaboração do trabalho.

À minha amiga Déia, por toda história, amizade, paciência, afeto e por sua presença constante em minha vida. Além do apoio e ajuda imensurável nos momentos finais do término do trabalho: ficando acordada comigo de madrugada enquanto eu fazia as últimas correções; imprimindo a dissertação enquanto eu trabalhava e por sempre me ouvir, fosse nos momentos de angústia ou de alegrias na realização deste trabalho.

À minha amiga Valéria, por ser a primeira pessoa que me ensinou a falar “com as pessoas” e não para elas, ainda à época da UNISOL (Universidade Solidária). Pelo carinho e ensinamentos constantes. E pela leitura atenta e às importantes sugestões feitas na última versão do trabalho, assim como o apoio, conforto, atenção e dedicação que me ofereceu nos momentos finais do trabalho.

Ao Paulo, companheiro e amigo da turma do mestrado, pelas conversas, sugestões, pelo apoio e cumplicidade nos momentos de dificuldades do nosso formar-se pesquisadora e pesquisador.

Ao Léo, Sani e Harry que foram mais que amigos e companheiros. Não consigo encontrar palavras que possam traduzir o meu imenso agradecimento e carinho por eles, só sei que sem eles não teria conseguido chegar até aqui. Então meus queridos: Muito obrigada! E claro não posso esquecer-me de agradecer ao Albertinho. Valeu pela força!

Às amigas Ione, Aimée e Tati pelo carinho e atenção de sempre.

Às companheiras de mestrado: Josy, Carol, Cris e Malú. Amigas que foram o meu chão, quando este me faltou.

Ao amigo Cristiano (Cris) pela amizade, pelas conversas e apoio constante.

À Tatiane (Tatilene) pelo reencontro e apoio para o término de trabalho.

Aos/às amigos/as queridos/as Priscila, Mari, Fabíola, Aline, Junior, Fred, Engels, Marcela, Jú e Carol pelas palavras, atenção e carinho.

Aos amigos(as) e pesquisadores(as) do Núcleo de Estudo Afro-Brasileiro (NEAB), pelos ensinamentos e contribuições à minha formação humana.

Aos(às) amigos(as) e profissionais do grupo de Pesquisa de Práticas Sociais e Processos Educativos.

Aos profissionais e colegas do Projeto São Paulo: Educando pela Diferença Para a Igualdade.

À Eveli, por sua gentileza e preocupação de sempre.

Ao Ricardo, por sua constante disposição em ajudar.

Às professoras Emília de Freitas de Lima, Iolanda de Oliveira e Sonia Stella-Araújo de Oliveira pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

À professora Hilda Monteiro, por ter prontidão em aceitar o convite para o exame de defesa.

À Capes, pelo apoio financeiro, para realização da pesquisa.

Ao professor Valter Roberto Silvério, pelas oportunidades, ainda à época inicial de graduação, de estudo e trabalho sobre as relações raciais e por incentivar, contribuir e apoiar o meu ingresso na pós-graduação.

Finalmente, quero agradecer em especial à minha orientadora e amiga Petronilha (Petrô), por compartilhar comigo sua dignidade, sabedoria, dedicação e militância a respeito das relações raciais. Pelos diálogos, reflexões, apoio e as valiosas contribuições durante a realização deste trabalho. E muito obrigada pelo respeito, carinho e por não desistir de mim nos meus momentos de dificuldades.

## RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender, a partir do ponto de vista de alunos(as) e professores(as), como é e como deve ser o tratamento da diversidade étnico-racial no curso de Pedagogia. O estudo orientou-se pela seguinte questão de pesquisa: Como a diversidade étnico-racial é tratada e como deve ser tratada no curso de Pedagogia, no entender de alunos(as) e professores(as)?

Teve como foco as relações étnico-raciais no curso de Pedagogia e buscou situar a Pedagogia, enquanto ciência, na perspectiva da diversidade étnico-racial.

Os participantes da pesquisa foram quatro professores e três alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. Foram realizadas conversas com questões desencadeadoras e a análise dos dados foi organizada por meio de sínteses das respostas a cada uma das questões desencadeadoras.

A análise dos dados mostrou que é preciso que o curso de Pedagogia ofereça condições para que alunos(as) e professores(as), entre outros, analisem e questionem o tratamento da diversidade étnico-racial, para que possam ter postura teórico-prática diante da diversidade étnico-racial. Seja por meio de diálogo, formação teórica, reflexão, comprometimento, conhecimento do Parecer de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, disciplina específica, entre outros. A proposta de Pedagogia anti-racista para a reeducação das relações étnico-raciais, no sentido de conduzir mudanças nas posturas dos(as) professores(as), assim como na produção de conhecimentos, a fim de que a diversidade da sociedade seja vista, respeitada e valorizada.

O estudo considera que o curso de Pedagogia não é o único ambiente, mas o central para a Pedagogia anti-racista ser buscada, dialogada, pesquisada, testada, permitindo assim que professores(as) tenham a possibilidade de reformulação de posturas e de práticas, com a finalidade de na formação de cidadãos(ãs) possam contribuir para uma sociedade que atue com indignação diante do racismo ou de qualquer prática de discriminação.

**Palavras-chave:** Pedagogia, Formação de Professores(as), Diversidade étnico-racial, Educação das relações étnico-raciais

## ABSTRACT

This research aimed to comprehend the way it is and how should be the treatment of racial-ethnic diversity in Pedagogy course from professors' and students' point of view. This study was guided by the following research question: How racial-ethnic diversity is treated and how it should be treated in Pedagogy course regarding students' and professors' understanding?

It focused racial-ethnic relations in Pedagogy course and attempted to place Pedagogy as a science in racial-ethnic diversity perspective. Four professors and three students of Pedagogy course from the Federal University of São Carlos took part in the research. There were conversations with trigger questions and the data analysis was organized by a summary of answers to each of the trigger questions.

Data analysis showed that Pedagogy course needs to offer conditions to students, professors and others to analyze and question the racial-ethnic treatment, in order to have a theoretical-practical stance towards the racial-ethnic diversity. By means of dialog, theoretical education, reflection, commitment, awareness of the National Curricular Policies Report for the Racial-Ethnic Education and for the History Education and Afro-Brazilian Culture, discipline, among others.

This study considers that Pedagogy course is not the only environment, but the central one to search, dialog, research and test the anti-racist Pedagogy allowing professors to have the possibility to reformulate their stances and practices. And they should be able to contribute, in order to educate citizens, to a society that acts with resentment in face of racism or any discrimination practice.

**Keywords:** Pedagogy, Professor's education, Racial-ethnics diversity, Racial-ethnics relations' education.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO: PROBLEMÁTICA DA PESQUISA.....	05
CAPÍTULO I: SOBRE PEDAGOGIA E DIVERSIDADE.....	14
1 Pedagogia – Ciência e Curso de Formação de Professores(as).....	14
1.1 O(A) Pedagogo(a) .....	19
2 Diversidade.....	23
2.1 Educação, Diversidade e o Direito à Diferença.....	31
CAPÍTULO II: METODOLOGIA DE PESQUISA.....	34
1 Caminhos da Pesquisa.....	34
1.1 Organização dos Dados para Análise e Análise.....	37
CAPÍTULO III: O QUE DIZEM PROFESSORES(AS) E ALUNOS(AS) SOBRE PEDAGOGIA E DIVERSIDADE – ANÁLISE DOS DADOS.....	38
1 Campo da Pedagogia.....	38
2 Papel do curso de Pedagogia na formação do profissional e quais as condições para essa formação.....	41
3 Diversidade.....	46
4 Condições necessárias para que questões relativas à diversidade étnico-racial sejam tratadas em cursos de formação de professores(as), particularmente o de Pedagogia, tanto na educação básica quanto na formação continuada.....	50
5 Necessidade ou não da criação de uma Pedagogia anti-racista, para o tratamento da diversidade, é preciso criar uma Pedagogia anti-racista? No caso da necessidade da criação de uma Pedagogia anti-racista, quais seriam as condições? No caso da não criação, quais seriam os motivos? .....	57
6 Recomendações para a elaboração ou implementação de uma Pedagogia anti- racista.....	61
CAPÍTULO IV: NA TRILHA DE NOVOS CAMINHOS.....	64
1 Encaminhamentos.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
ANEXO.....	81

## APRESENTAÇÃO

*Conhecimento é outro nome para a força.*

*Provérbio Africano*

Em meados de 2000, inicio academicamente meu diálogo com a diversidade étnico-racial, que corresponde para mim, à luta contra as desigualdades entre negros(as) e brancos(as)<sup>1</sup>, promovendo uma sociedade mais justa e democrática.

Nesse sentido, discutir o curso de Pedagogia e a diversidade étnico-racial traz reflexões sobre minha própria formação e também sobre minha prática como professora das séries iniciais da escola pública. Refletir sobre estas questões implica em evidenciar a discussão e luta do Movimento Negro em favor da educação de relações étnico-raciais positivas.

Durante a graduação no curso de Pedagogia, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), ficou evidente, em alguns trabalhos realizados<sup>2</sup>, que a diversidade étnico-racial vem sendo tratada na educação com grandes falhas.

Nos anos de 2001 e 2002, por conta de um grupo de estudos, tendo como foco as relações raciais e o envolvimento com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB),

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho destaco que quando as palavras não contemplarem tanto o gênero masculino quanto o feminino, respeitei a escrita dos(as) autores(as), assim como a fala dos(as) participantes.

<sup>2</sup> Trabalhos de pesquisa, desenvolvidos juntamente ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) e trabalhos acadêmicos, como por exemplo, na disciplina Prática de Estágio Supervisionado, na qual eu e a aluna Tatiane Cosentino Rodrigues elaboramos um mini-curso sobre Multiculturalismo e Educação para alunas do Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam).

desenvolvemos um levantamento em alguns periódicos<sup>3</sup> de Educação, com o objetivo de verificar a produção acadêmica de artigos que se relacionassem à questão racial.

Analizamos os periódicos a partir do ano de 1995 até o ano de 2001 e encontramos apenas 13 artigos sobre questão racial. Mostrou-se assim, uma irrisória existência do diálogo sobre relações raciais e educação nesse período.<sup>4</sup>

No ano de 2002, também participei da elaboração e apresentação de um mini-curso<sup>5</sup> para alunas do Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM), sobre Multiculturalismo e Educação, o que revelou o pouco conhecimento das alunas sobre as relações raciais.

Nesse sentido, a formação de professores(as) para o tratamento da diversidade étnico-racial, representa para mim, uma discussão fundamental para que novas práticas educacionais sejam construídas.

Cabe destacar que, por ser uma mulher branca, sempre houve um questionamento acerca de quais eram os meus motivos em trabalhar com relações raciais. Percebi que a maioria das pessoas buscava um motivo afetivo, ou seja, inúmeras vezes fui questionada se o meu namorado era negro. Ou, muitas vezes, as pessoas não entendiam o porquê de eu trabalhar com relações raciais, já que eu como branca, não tenho nada a ver com “os problemas dos negros”.

Um dia, sendo novamente questionada sobre o porquê de eu trabalhar com relações raciais, respondi: Por que você trabalha com plásticos? Você é feito de plástico?

Porque se formos seguir este pensamento, então só irá trabalhar com educação infantil quem tiver filhos(as) pequenos(as), por exemplo. Ou só irá trabalhar com idosos(as) quem for um(a) etc.

---

<sup>3</sup> O levantamento foi realizado conjuntamente com Andrea Barreto Rodrigues e Tatiane Cosentino Rodrigues, também alunas do curso de Pedagogia. O levantamento teve a orientação do Prof. Dr. Valter Roberto Silvério, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, então coordenador do grupo de estudos do qual participávamos.

Os periódicos pesquisados foram: Educação e Sociedade, Comunicação e Educação (USP), Cadernos de Pesquisa, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Revista Educação e Realidade (UFRGS), Revista Educação e Debate (Fortaleza), Caderno CEDES e Revista Brasileira de Educação.

<sup>4</sup> Cabe destacar que no ano de 1995, período do levantamento dos periódicos, coincide com o reconhecimento oficial do Estado sobre o racismo.

<sup>5</sup> O mini-curso foi apresentado e elaborado por Tatiane Cosentino Rodrigues e por mim. O mesmo foi desenvolvido a partir da disciplina Prática de Estágio Supervisionado, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Anete Abramowicz.

É preciso que as pessoas compreendam e assumam a sua responsabilidade na promoção e construção de uma sociedade justa, igualitária, democrática, independentemente de qual lugar elas estejam. As relações raciais são “um problema” e é sim, uma luta de negros(as) e brancos(as).

Para tanto, é preciso que se reflita como se dá a construção das relações entre brancos(as) e negros(as). É sabido, que no Brasil impera o mito da democracia racial, isto é, a crença na existência de relações harmoniosas entre diferentes grupos étnico-raciais. No entanto, os(as) negros(as) são tratados a partir de preconceitos que geram discriminação e desvalorização do seu jeito de ser e viver. Por isso, todas as esferas de conhecimento e convivência tornam-se importantes no combate às ações, atitudes e pensamentos.

Uma esfera de suma importância é a educação, que ocorre tanto em espaços institucionalizados como em outros. Silva (2003, p. 189), diz que a educação

*“tem a intenção de transmitir visão de mundo, repassar conhecimentos, comunicar experiências”.*

Porém, infelizmente vivemos em uma sociedade na qual a visão de mundo, os conhecimentos e experiências repassados estão centrados numa visão européia. Mas a educação pode e vem modificando a sociedade para a construção de uma visão de mundo no qual todos(as) possam ser representados(as) e reconhecidos(as), que os conhecimentos e experiências repassados possam ser de todos os povos existentes, que todos(as) possam contribuir, aprender e educar-se conjuntamente.

Deste modo, Silva (2003) nos ensina que em pensamentos africanos em educação:

*Torna-se educado quem frequenta escolas e faculdades, entretanto se os benefícios de tudo que aprender for usufruído apenas individualmente, sem reverter para o fortalecimento da comunidade, tem-se uma “pessoa estudada”, mas não educada. Só se torna educado quem se vale da educação para progredir no tornar-se pessoa, o que implica fazer parte de uma comunidade. (p.186)*

Que possamos nos tornar pessoas, e que nesse tornar-se pessoas, sejamos capazes de, como diz Silva (2003)

*“buscar referências em epistemologia não eurocêntrica, em compreensão de raiz africana que fazem parte do universo cultural e social brasileiro, porém não são reconhecidas e nem valorizadas”.*

Assim sendo, esta pesquisa configura-se com o objetivo de contribuir para o diálogo acadêmico e não acadêmico acerca das relações raciais, sobre o tratamento da diversidade étnico-racial no curso de Pedagogia.

Dessa forma, no Capítulo I *Sobre Pedagogia e Diversidade* busco a discussão dos dois conceitos: Pedagogia e Diversidade.

No Capítulo II *Metodologia de Ensino* trago os caminhos nos quais esta pesquisa foi realizada.

No Capítulo III *O que dizem professores(as) e estudantes sobre Pedagogia e Diversidade*, mostro a síntese dos dados coletados.

No Capítulo IV *Na trilha de Novos Caminhos* realizo uma retomada de pontos principais da síntese dos(as) participantes e saliento alguns encaminhamentos.

## INTRODUÇÃO: PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Questões relativas à diversidade étnico-racial<sup>6</sup>, na sociedade brasileira, vêm sendo amplamente discutidas, com o objetivo de desmistificar o discurso da democracia racial, que faz crer na existência de relações harmoniosas entre diferentes grupos étnico-raciais, marcadamente entre negros(as), descendentes de africanos(as), euro-descendentes, descendentes de asiáticos(as), entre povos indígenas e demais componentes da nação brasileira.

Segundo Hasenbalg (1992),

*“... desabam definitivamente as imagens sobre relações raciais no país vinculadas à noção de democracia racial. Caem por terra também as teorias que postulam uma diluição das diferenças raciais como efeito do desenvolvimento e da modernização; discriminação e desigualdades raciais não mais podem ser vistas como uma herança do passado escravista. A vasta mobilidade social propiciada pelo crescimento econômico desde os anos 1940 deixou de afetar a população não-branca, que continua concentrada nos estratos socioeconômicos inferiores. A cor das pessoas é um determinante importante das chances de vida e a discriminação racial parece estar presente em todas as fases do ciclo de vida individual”.*(p.113).

Henriques (2001), com seus estudos<sup>7</sup> confirma que os(as) negros(as) ainda vivenciam desigualdades em todas as esferas da vida social<sup>8</sup>. Há desigualdades na área

---

<sup>6</sup> Étnico-racial é entendido neste trabalho, de acordo com Oliveira (2001), como o “*termo que se refere às igualdades ou diferenças entre pessoas que pertencem a um grupo que possui as mesmas características sócio culturais, fala a mesma língua, tem os mesmos traços físicos e herança genética e mora no mesmo espaço geográfico ou dele se origina, como é o caso, por exemplo, dos(as) negros(as) brasileiros(as).*” (Oliveira, Rachel de. Preconceitos, Discriminações e Formação dos Professores – do proposto ao alcançado. 2001(Tese de Doutorado) Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

<sup>7</sup> Henriques, Ricardo. Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90. Rio de Janeiro: IPEA (texto para discussão n.º. 807), 2001.

<sup>8</sup> Veja trabalhos de diversas organizações não governamentais, entidades e etc, que trabalham em diversos setores, com o objetivo de mudanças estruturais na sociedade para a população negra. Alguns exemplos: Movimento Negro Unificado, Geledés –Instituto da Mulher Negra, Fala Preta, Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, Ação Educativa, Educação e Cidadania de Afro-descendentes e Carentes (Educafro).

educacional, na qualificação dos(as) negros(as) para o trabalho, na área econômica e em outros planos da vida social, mostrando persistência da discriminação racial ao longo do século XX.

Jaccoud & Beghin (2002) reafirmam os resultados encontrados e citados por Henriques (2001), ou seja, a persistência da discriminação racial, evidenciando que a longa e histórica estabilidade das desigualdades entre negros(as) e brancos(as), que atravessa o século XX, seja encarada pela sociedade como natural.

Contrariando os que afirmam serem as diferenças econômicas mais importantes do que as raciais, verifica-se que, embora nos últimos 50 anos tenha ocorrido crescimento econômico, as desigualdades entre brancos(as) e negros(as) não foram modificadas. (Henriques, 2001; Jaccoud & Beghin, 2002)

Em resposta a esta situação, diversos grupos do Movimento Negro<sup>9</sup> vêm lutando para reverter este quadro em todas as esferas da vida social. As reivindicações, características dos anos de 1980, impulsionaram dois fatos importantes na agenda nacional, na década de 1990, no que se refere à problemática racial: o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) e a implantação do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI). Desta forma, aparentemente, o Estado desloca-se de sua posição até então “neutra” para situar-se como agente na prevenção da exclusão, particularmente do racismo contra os(as) negros(as), descendentes de africanos(as).

Desta forma, o Programa Nacional de Direitos Humanos (1998)<sup>10</sup>, propõe ações governamentais para a população negra:

*“apoiar a criação do Grupo de Trabalho para a Valorização da População Negra; desenvolver ações afirmativas<sup>11</sup> para o acesso dos negros aos cursos profissionalizantes, à universidade e às áreas de tecnologia de ponta; estimular que os livros didáticos enfatizem a história e as lutas do povo negro na construção do nosso país, eliminando estereótipos e discriminações; incentivar ações que contribuam para a*

---

<sup>9</sup> “Movimento Negro no âmbito deste trabalho é compreendido como o conjunto de entidades negras, de diferentes orientações políticas, que têm em comum o compromisso de lutar contra a discriminação racial e o racismo e acreditam na centralidade da educação para a construção de uma identidade negra positiva”. (Rodrigues, Tatiane Cosentino. Movimento Negro no Cenário Brasileiro: Embates e Contribuições à Política Educacional nas décadas de 1980-1990.2005(Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

<sup>10</sup> Ver Brasil. Leis etc. Documentação Civil. Política Antidiscriminatória. Crimes de Tortura. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos. – Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1998. 97p.

<sup>11</sup> As políticas de ação afirmativa são políticas públicas voltadas para a concretização do princípio da igualdade de oportunidades na tentativa de combater as desigualdades sociais provenientes da condição racial/gênero.

*preservação da memória e fomento à produção cultural da comunidade negra no Brasil; formular políticas compensatórias que promovam social e economicamente a comunidade negra”. (p. 84/85)*

No mesmo rumo, o Plano Nacional de Educação (PNE)<sup>12</sup> valoriza as organizações não governamentais, que auxiliam no desenvolvimento de programas educativos compensatórios para minorias étnicas, que sofrem discriminações, tratando especificamente do ensino superior. Uma das metas deste é:

*“criar políticas que facilitem às minorias, vítimas de discriminação, o acesso à Educação Superior, através de programas de compensação de deficiências de sua formação escolar anterior, permitindo-lhes, desta forma, competir em igualdade de condições nos processos de seleção e admissão a esse nível de ensino”<sup>13</sup> (p.53/54)*

O Plano Nacional de Educação – A Proposta da Sociedade Brasileira<sup>14</sup>, também traz diretrizes que envolvem a diversidade étnico-racial, no tratamento da formação dos(as) profissionais de educação:

*“Incluir, nos currículos e programas dos cursos de formação de profissionais da educação, temas específicos da história, da cultura, das manifestações artísticas, científicas, religiosas e de resistência da raça negra, e sua influência e contribuição na sociedade e na educação brasileiras”. (p.70)*

No que diz respeito ao ensino superior, o Plano Nacional de Educação – A proposta da Sociedade Brasileira traz a seguinte diretriz:

*“Implementar políticas públicas adequadas que facilitem o acesso, ao ensino superior, dos segmentos da população vítimas da exclusão social”.(p.60)*

Em consulta a documentos oficiais relativos à educação, podemos notar o reconhecimento oficial da discriminação racial e racismo, porém há certas contradições.

---

<sup>12</sup> Publicado pelo Inep, (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) em virtude da recomendação do ministro da Educação, Paulo Renato Souza, com o objetivo de divulgar amplamente o texto final do projeto do Plano Nacional de Educação.

<sup>13</sup> Segundo o Plano Nacional de Educação, esta meta exige a colaboração da União com outros setores governamentais e não-governamentais.

<sup>14</sup> Plano Nacional de Educação – A proposta da Sociedade Brasileira, foi consolidado na Plenária de Encerramento do II CONED (II Congresso Nacional de Educação), realizado em Belo Horizonte, MG, em 9 de novembro de 1997.

Tratando da formação de professores(as) e valorização do magistério, o Plano Nacional de Educação discorre sobre as mudanças necessárias para que haja condições de uma formação adequada. Dentre essas mudanças, destaca-se a necessidade de promover uma profunda reformulação da habilitação para o magistério em nível de 2º grau, como também para as atuais licenciaturas. Entretanto, nas metas colocadas pelo Plano Nacional de Educação, com o intuito de colaborar nas soluções dos problemas de formação do magistério e para os cursos superiores, questões relativas à diversidade étnico-racial não foram contempladas.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei nº 9.394/96), até a recente alteração que obriga o estudo de história e cultura afro-brasileira no ensino básico, a diversidade étnico-racial estava assim contemplada:

*“Capítulo II, da Educação Básica na Seção I das Disposições Gerais do Artigo 26, § 4º. O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e européia”. (p.9).*

É relevante ressaltar que no referido parágrafo não se faz menção às matrizes asiáticas.

No capítulo IV, da Educação Superior da referida Lei<sup>15</sup>, nenhum artigo contempla a diversidade étnico-racial, no que diz respeito às finalidades do ensino superior, o título VI, relativo aos(às) profissionais da educação, ao tratar dos fundamentos da sua formação, também não contempla a questão da diversidade étnico-racial, social, entre outras que constituem a sociedade brasileira.

A educação constitui, para o Movimento Negro, um elemento central de mobilização e um dos focos de sua ação é a denúncia de que a escola reproduz e repete o racismo que está presente na sociedade, reivindicando uma política de formação de professores. (Gomes, 1997)

Assim, grupos do Movimento Negro e demais interessados, segundo Gomes (1997)

*“pressionaram os programas de material escolar, alertaram os professores quanto à discriminação racial nos livros didáticos, nos cartazes espalhados pela escola, nas escolhas dos alunos para participarem das festas e auditórios, na reprodução dos apelidos dirigidos às crianças negras”. (p.21).*

---

<sup>15</sup> Espera-se que de certa forma, esta situação possa ser resolvida com a Reforma Universitária.

Uma segunda contribuição deste movimento social para a educação brasileira é a ênfase no processo de resistência negra, apesar de a escola ainda realizar “*equivocos e distorções históricas*”, veiculando “*a falsa imagem do negro como amorfo e indolente*”, o que contribui para a reprodução do racismo. (Gomes, 1997, p.21)

O Movimento Negro, também afirma o dia 20 de novembro como o dia Nacional da Consciência Negra, em contraposição ao 13 de maio, Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo. Nessa data celebra-se a passagem de Zumbi, um dos grandes líderes negros, para o mundo dos antepassados. Entende-se que o dia 20 de novembro é a data que deve ser comemorada pela população negra, pela escola e pela sociedade.

A centralidade da cultura é outra contribuição. Ela é entendida aqui como o reconhecimento da produção cultural realizada pelos negros, considerando sua ancestralidade e remetendo à origem africana. (Gomes, 1997)

De acordo com Gomes (1997), há também “*o questionamento do discurso e da prática homogeneizadora, que despreza as singularidades e as pluralidades existentes entre os diferentes sujeitos presentes no cotidiano escolar*”, (p.23) que militantes do Movimento Negro desencadeiam.

Finalmente, o Movimento Negro, insiste que é preciso pensar também na “*estrutura rígida e excludente da escola*”, para que possamos reconstruí-la, garantindo além do direito à educação, permanência nas escolas e êxito dos(as) alunos(as) dos diversos pertencimentos étnico-raciais e dos diferentes níveis sócio-econômicos. (Gomes, 1997)

Segundo Gomes (1997), além de seu caráter ideológico, a discriminação racial na educação, já denunciada pelo Movimento Negro, se dá também pela baixa expectativa do professor(a) em relação ao aluno(a) negro(a) e pela difusão de teorias que não contemplam as tensas relações raciais, pela folclorização da cultura negra.

Diante disso, Gomes (1997), Cavalleiro (2001) entre outros autores e autoras, mostram a necessidade de apresentar propostas, construir práticas alternativas, realizar pesquisas e investir na formação dos(as) professores(as), com o propósito de lutar contra o racismo e contra a discriminação racial na escola brasileira.

A formação de professores(as), segundo o Movimento Negro, precisa incorporar reformas curriculares, cuja prática pedagógica seja revista diante da realidade racial brasileira, e propõe inclusão de história e cultura do povo negro nos currículos e programas escolares (Gomes, 1997). Esta reivindicação, reiterada ao longo do século XX, foi,

finalmente, contemplada pela inclusão do Artigo 26A na Lei 9394/96 de Lei de Diretrizes e Bases da Educação, por força da Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do estudo de história e cultura afro-brasileira no ensino básico, regulamentada pelo Parecer de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, aprovado no dia 10 de março de 2004, pelo Conselho Nacional de Educação. Este parecer traduz uma grande luta do Movimento negro pela implantação de medidas para combater o racismo e as discriminações no Brasil, notadamente nas escolas e por meio de políticas de Estado.

Levando-se em consideração a discussão, ou a ausência de, sobre a problemática das relações étnico-raciais, particularmente na educação, nos deparamos com outra questão importante: a da cidadania exercida em sociedades pluriétnicas e multiculturais. Isto nos remete, é claro, para a diversidade social e étnico-racial, nem sempre reconhecida, das sociedades. É importante que se conheçam e compreendam os desafios da construção do pertencimento étnico-racial, a fim de se formarem cidadãos(ãs) éticos(as), na perspectiva das relações étnico-raciais. (Banks, 2003)

Segundo Silva (2000), as práticas de discriminações e racismo fazem parte do dia-a-dia do povo brasileiro, legitimadas e aceitas socialmente. E essas práticas

*“são renovadas a partir de preconceitos, frutos da ignorância que grupos étnicos e sociais autodesignados como superiores, têm acerca da história, das organizações e modo de vida daqueles que classificam como inferiores”. (Silva, 2000, p.387)*

Para que esta situação seja revertida é preciso que todos(as) estejam dispostos(as) a se tornarem agentes de combate às discriminações e racismos, para que as relações étnico-raciais possam ser transformadas. (Silva, 2000, p. 387)

A Lei 9394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) sublinha a importância da formação da cidadania, como podemos exemplificar no artigo 2º:

*“Título II Dos Princípios e Fins da Educação Nacional Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”*

Diante da finalidade de preparar o educando(a) para o exercício da cidadania que a LDB exige dos estabelecimentos de ensino e de seus professores(a)s, é nítida a dificuldade para que, no dia-a-dia, se construam ações, atitudes e uma educação que contemplem a diversidade da sociedade, configurado nas diferenças, sejam elas econômicas, sociais, culturais, de gênero ou étnico-raciais presentes na escola. Este é o grande desafio de hoje, embora a lei garanta a inclusão da diversidade nos currículos escolares e nas políticas educacionais, essa discussão é muito restrita nos cursos de formação de professores(as), nas licenciaturas.

Vivemos em uma sociedade, na qual, como citado anteriormente, o mito da democracia racial impera, fazendo com que as pessoas acreditem em relações harmoniosas entre os diferentes grupos étnico-raciais, e ajam, muitas vezes, como se os negros(as), assim como os povos indígenas, não existissem.

Considerando que o preparo para o exercício da cidadania exige que se considere e trate as diferenças face à diversidade humana, sejam as das pessoas com necessidades especiais, as de orientação sexual, as das crianças, dos(as) idosos(as), entre outras, o que implica o respeito e valorização de cada um na sua particularidade.

Assim sendo, nos interessam, neste trabalho, a formação e o exercício da cidadania para a construção de ações, atitudes e uma Pedagogia que combata o racismo e que valorize a diversidade étnico-racial.

Segundo Banks (2003, p.07), as sociedades multiculturais têm enfrentado dificuldades em seus programas de educação para refletirem e incorporarem a diversidade de seus cidadãos(ãs). As dificuldades encontram-se na incorporação dos ideais, valores e metas de cada um dos grupos étnico-raciais dos quais os diversos e distintos cidadãos(ãs) fazem parte.

Para o referido autor, (2003, p. 09), somente quando uma Nação Estado é unificada num conjunto de valores democráticos, quando com justiça e igualdade se protegem os diferentes grupos culturais, étnicos e de linguagem, capacitando-os a experenciar a democracia cultural e a liberdade, mostrando que não há superioridade entre os diferentes grupos, incorporam-se os ideais, valores e metas das etnias que, de um modo ou de outro fazem parte da vida de todos(as) cidadãos(ãs). Em outras palavras, que seja assegurado no dia-a-dia e não apenas nos textos legais, aos cidadãos e cidadãs, o direito de manifestar a cultura de seu grupo étnico-racial, que faz parte da composição da cultura nacional.

No Brasil, de acordo com Silva (2003, p. 04), ao longo de 500 anos, o poder de governar tem estado “*nas mãos das classes ricas que se outorgam superioridade e privilégios em relação àquelas que marginalizam*”. Isto é, aqueles que se encontram no poder de dirigir os destinos da sociedade e influir na formação de políticas públicas, seja público ou privado, “*o fazem seguindo princípios que garantem a manutenção de interesses próprios. Desta maneira, sua visão de mundo, seus pontos de vista, valores, vontades, tudo que lhe é útil são postos como, senão os únicos aceitáveis, os superiores a serem adotados e seguidos por todos*”. (Silva, 2003, p. 04)

Esta situação inviabiliza que as oportunidades educacionais<sup>16</sup> sejam as mesmas para todos, não garantindo igualdade nas possibilidades de formação para a cidadania de todos os brasileiros. (Silva, 2003).

Com base na sucessão dos argumentos expostos, é possível defender que os cursos de formação de professores(as), em particular nesse estudo o curso de Pedagogia construam uma educação cidadã. No sentido de que os alunos(as) não só possam adquirir conhecimentos, que se tornarão ferramentas na construção de ações que promovam democracia, igualdade e justiça, como também contribuam para que a sociedade tenha um equilíbrio econômico, social e racial.

Numa sociedade pluriétnica e multicultural como a nossa, é indispensável que a educação, como política pública, reconheça esta característica, devendo considerar que, no interior da escola, cruzam-se visões, maneiras próprias de ensinar, aprender de professores(as) e alunos(as). Em outras palavras, não se pode tratar a educação de maneira singular, isto é, não se pode partir de uma visão monocultural, seja na educação como na sociedade.

Gomes & Silva (2002), afirmam que a diferença deve ser tomada como uma constituinte dos processos educativos, considerando que esses processos se dão em relações socioculturais, entre sujeitos, agentes na construção da democracia. Em outras palavras, no entender das autoras é que

*“os profissionais que atuam na escola e demais espaços educativos sempre trabalharam e sempre trabalharão com as semelhanças e as diferenças, as identidades e as alteridades, o local e o global. Por isso, mais do que criar novos métodos e técnicas para se trabalhar com as diferenças é preciso, antes, que os educadores e educadoras reconheçam a diferença enquanto tal compreendam-na à luz da história e das relações sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, respeitem-na e proponham estratégias e*

---

<sup>16</sup> Por oportunidades educacionais não se pensa somente no acesso, mas a condições para realizar os estudos com sucesso e também que nas condições para ser aceito não deva negar sua origem étnico-racial, social ou outra.

*políticas de ações afirmativas que se coloquem radicalmente contra toda e qualquer forma de discriminação”.*  
(p.19/20)

A construção de uma Pedagogia anti-racista significa dar um novo sentido à educação, ao aluno(a) negro(a), ao aluno(a) branco(a) e possibilitar ao mundo escolar a transformação da realidade.

Se a educação ocorre em todos os lugares, institucionalizados ou não, o estudo da Pedagogia, em especial os cursos de formação de professores(as), particularmente o de Pedagogia, devem preparar professores(as) capacitados(as) para promover práticas educativas em qualquer ambiente, com grupos de aprendizes com quaisquer necessidades ou características, ou seja, a todos(as), indistintamente. Quando alcançarmos uma educação que seja eficaz para todos e cada um, independentemente de cor, credo, status social, cultura, gênero e quaisquer outras diferenças, talvez, estejamos enfrentando o desafio de enxergar e valorizar as diferentes influências e contribuições dos diferentes povos e possamos viver em uma sociedade na qual o caminho para o formar-se humano esteja pautado no respeito e valorização à vida de todas as pessoas.

Diante desta problemática e levando em conta o estudo da literatura pertinente, foi formulada a seguinte questão de pesquisa que orienta passo a passo este trabalho:

*“Como a diversidade étnico-racial é tratada e como deve ser tratada no curso de Pedagogia, no entender de alunos(as) e professores(as)?”*

Assim sendo, os objetivos da pesquisa são:

- 1.Situar o curso de Pedagogia, assim como a Pedagogia enquanto ciência, na perspectiva da diversidade étnico-racial.
- 2.Situar na perspectiva de professores(as) e estudantes do curso de Pedagogia, como tem sido e como deve ser tratada a diversidade étnico-racial, na formação de professores(as).

## CAPÍTULO I

### Sobre Pedagogia e Diversidade

#### 1- PEDAGOGIA – Ciência e Curso de Formação de Professores(as)

A Pedagogia é a ciência que dá base ao curso de Pedagogia, sem deixar de considerar os aportes de outras áreas. A ciência Pedagogia, ao longo da sua história, trata dos processos de ensinar e aprender, ligados ao interior da escola, embora não unicamente. Inicialmente focalizou os processos de ensinar e aprender, ocorridos em trabalhos educativos e, posteriormente, com a demanda que chega às escolas, seja pela democratização do ensino, seja pelo acesso tardio, aos bancos escolares, de jovens e adultos, seja ainda pelas necessidades que se fazem presentes, nos dias de hoje e de educação continuada. (Brasil, 2005 – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia)

O Curso de Pedagogia, no Brasil tem se desdobrado em múltiplas especializações profissionais além de se proliferar numa rapidez espantosa<sup>17</sup>. E paralelamente, ao grande número de cursos sob o rótulo de Pedagogia, as ênfases e habilitações do curso têm se fragmentado em diversas direções, gerando diferentes formações e diferentes atuações do(da) pedagogo(a) nos ambientes que ocorrem os processos educativos, embora uma parte deles continue compondo um mesmo grande quadro com objetivos e campos investigativos comuns.<sup>18</sup> (Tanuri, 2005)

Tanuri (2005) diz que ao

---

<sup>17</sup> Segundo Tanuri (2006), em 17 de setembro de 2005, de acordo com o Cadastro das Instituições de Ensino Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), temos 1697 cursos de Pedagogia, embora alguns deles constituam programas especiais, emergenciais ou temporários de ensino, além de 1092 Cursos Normais Superiores.

<sup>18</sup> Ver Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia elaborada pelo Conselho Nacional de Educação, em 2005.

*“considerar essa variedade de habilitações e de denominações contempladas, o curso se dilui e se apresenta de difícil visibilidade. Diante de tal diversidade, de tal fragmentação e de tal rapidez de crescimento, consegue-se, cada vez menos, perceber a identidade, a essência, o conjunto de conhecimentos, a formação comum que caracterizam o curso de que falamos e que dominamos de Pedagogia”.* (p.7)

Diante disso, abordar o campo da Pedagogia é tarefa complexa, uma vez que diferentes significados lhe são atribuídos. Significados que, ao longo do tempo, têm sido modificados e complementados. Cabe chamar a atenção que ao utilizar o termo Pedagogia, professores(as), estudantes tanto se referem à ciência como ao curso, como técnicas e procedimentos, como referência também às formas de ensinar.

Assim sendo, o exame de diversos dos significados atribuídos ao termo Pedagogia, torna-se importante para que possamos chegar a uma compreensão do campo da Pedagogia e, ao entendimento de suas propostas teóricas, de suas especificidades, de suas funções e possibilidades de sua função social e acadêmica.

Iniciando é feita referência ao Dicionario Dis Scienze Dell’Educazione (1997), no qual temos que a Pedagogia é comumente empregada para designar a disciplina científica relativa à educação.

Por volta do século XVIII, Pedagogia passou a indicar *saber*, numa primeira referência à teoria da educação, à ciência da educação. (Dizionario Dis Scienze Dell’Educazione, 1997).

Já o Dicionário Brasileiro de Educação (1986) registra que Pedagogia é:

*“Teoria e ciência da educação e do ensino. Conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação. Estudo dos ideais da educação e dos meios de concretizá-los. Estudo do desenvolvimento da criança e dos meios mais eficientes de educá-la em função dos estabelecidos em cada sociedade”.* (p. 133)

Chama a atenção o fato de esta definição separar educação do ensino e não mencionar aprendizagem.

Ainda, de acordo com o referido dicionário, nota-se que este restringe os estudos da Pedagogia ao desenvolvimento da criança, sem fazer conta da diversidade dos modos de ser criança, em diferentes contextos sociais, étnico-raciais, entre outros.

No estudo de Luzuriaga – História da Educação e da Pedagogia, no qual o autor destaca que a História da Educação faz parte da História da Cultura, que por sua vez faz

parte da História Geral. Segundo Luzuriaga (2001), a História da Cultura refere-se a produtos da mente das pessoas, que são manifestados. E a educação é uma dessas manifestações.

Luzuriaga (2001) entende por educação:

*“... a influência intencional e sistemática sobre o ser juvenil, com o propósito de formá-lo e desenvolvê-lo. Mas significa também a ação genérica, ampla, de uma sociedade sobre as gerações jovens, com o fim de conservar e transmitir a existência coletiva. A educação é, assim parte integrante, essencial, da vida do homem e da sociedade, e existe desde quando há seres humanos sobre a terra”. (p. 01-02)*

Em seu entendimento, Luzuriaga refere-se às gerações jovens, considerando, pois uma diversidade no ser jovem. E também, identifica e circunscreve a educação como formação para a cidadania.

Já Pedagogia é entendida como:

*“a reflexão sistemática sobre educação. Pedagogia é a ciência da educação: por ela é que a ação educativa adquire unidade e elevação. Educação sem Pedagogia, sem reflexão metódica seria pura atividade mecânica, mera rotina. Pedagogia é ciência do espírito e está intimamente relacionada com filosofia, psicologia, sociologia e outras disciplinas, posto não dependa delas, eis que é ciência autônoma.” (p. 02)*

De acordo com Luzuriaga (2001), a reflexão sobre a educação e a reflexão sobre Pedagogia não são independentes. Em suas palavras:

*“educação e Pedagogia estão como prática para teoria, realidade para ideal, experiência para pensamento não como entidades independentes, mas fundidas em unidade indivisível, como o anverso e o reverso da moeda”. (p.02)*

No entender, pois do autor, a história da educação não é linear nem estática, está em constante movimento e mudanças, de acordo com os diversos povos e épocas. A história da Pedagogia estuda o desenvolvimento das idéias e ideais educacionais, assim como a evolução das teorias pedagógicas e as personalidades influentes na educação. (Luzuriaga, 2001)

Tanto a história da educação como a da Pedagogia foi mudando ao longo do tempo, das necessidades, dos fatores históricos, culturais e sociais e interfere e influencia a todos(as). Luzuriaga (2001), diz: *“sempre que se tem pretendido realizar mudança essencial na vida da sociedade ou do Estado, tem-se apelado para a educação”.* (p.05)

Diferentemente deste autor, há outros que consideram que a Pedagogia, como área de conhecimento, não possa ser considerada uma ciência, uma vez que lhe falta definição de um estatuto científico. Sobre isto, dialogaremos com Estrela.

Para ele, este conceito não tem sido aplicado a Pedagogia, pois a mesma não possui um autêntico estatuto científico. A Pedagogia é *“uma ciência em vias de constituição, que não resolveu totalmente problemas da sua metodologia de base”*. (1992, p. 11).

Segundo o referido autor (1992), é necessário que a Pedagogia caracterize as situações que observa, construindo a partir delas um real conhecimento dos seus fenômenos, originado na perspectiva daquelas dimensões integradas, para que se possa elaborar um corpo teórico específico da práxis educativa.

Para Estrela (1992), a dificuldade em caracterizar as situações no qual o profissional exerce suas ações deve-se ao fato de o(a) professor(a) não dispor de instrumentos nem de metodologias de observação para detectar fenômenos de ordem pedagógica, o que o(a) faz recorrer a conceitos e métodos de ciências já constituídas.

De acordo com Estrela (1992), as principais ciências usadas como recursos são: Psicologia, Psicanálise, Sociologia, Psicossociologia e Economia. E mesmo, normalmente, oferecendo diagnósticos seguros e hipóteses fecundas sob o ângulo delas, quase sempre, são escassas para o trabalho do professor ou investigador pedagógico.

Desse modo, o fenômeno educativo fica diluído, seja no nível da prática, seja no da formulação teórica. Já que os resultados encontrados pelas ciências que se dedicam ao estudo dos fenômenos da educação apresentam resultados válidos em si próprios, mas que, muitas vezes limitados, focalizam separadamente dimensões que, no processo de ensinar e aprender, se apresentam integrados. (Estrela, 1992).

A realização de “análises paralelas de outras ciências” e a busca, por parte do investigador pedagógico, de “conceitos e métodos de ciências já constituídas”, pode causar a falsa impressão de uma soberania intelectual das outras ciências a respeito da negação da Pedagogia enquanto ciência. Porém Estrela (1992) ressalta que as análises paralelas realizadas são específicas da problemática dos educadores, assim como são estes, que aplicam os conceitos e métodos de outras ciências no seu domínio específico – o da Educação.

Estrela (1992) conclui que a *“Pedagogia não existe, ainda, enquanto ciência e que o corpus formado pelas Ciências da Educação não constitui uma resposta válida para que a Pedagogia adquira o estatuto de Ciência”*. (p. 15)

Segundo o autor, é necessária à Pedagogia uma

*“ruptura epistemológica com as outras ciências, não com o intuito de desmerecer a interdisciplinaridade ou transdisciplinariedade, mas que a expressão Ciências da Educação, representa um salto evolutivo num campo do saber ainda mal definido e que não pode ser identificado através dessa expressão”. (p.15)*

E se a classe escolar for tomada como referência central do real pedagógico, alguns problemas da Pedagogia serão formulados de outras maneiras, por exemplo, as Ciências da Educação estudam a criança, o adolescente, o adulto, mas não o aluno, isto é, o indivíduo numa situação específica de ensino-aprendizagem.

Libâneo (2002) defende que outras ciências, como a Sociologia, Psicologia e Economia abordam o fenômeno educativo sob a perspectiva de seus próprios conceitos e métodos de investigação, mas é a Pedagogia que pode postular o educativo propriamente dito e ser ciência integradora dos aportes das demais áreas. Assim, a Pedagogia é um campo de estudos com identidade e problemática próprias.

A discussão a respeito do estatuto da Pedagogia enquanto ciência ocorre há vários anos. Para os pesquisadores(as) do Grupo de Trabalho – Pedagogia do VII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores (2003), o termo Pedagogia é reconfirmado: *“numa área de conhecimento, construindo-se como a ciência da educação, tendo como objeto de estudo a educação entendida em sua amplitude como prática social.”*

Para Martins<sup>19</sup>, é importante considerar duas fontes na compreensão da Pedagogia: aquelas das ciências que tratam do desenvolvimento humano e as que tratam de como organizar a intervenção para que ocorra tal desenvolvimento. Neste sentido, cabe à Pedagogia reelaborar o resultado daquela ciência que trata do desenvolvimento humano, da organização, para que tais ocorram.

Na sua perspectiva, as ciências que contribuem para o conhecimento de processos educativos na perspectiva da ciência da Pedagogia, são ciências auxiliares, para compreensão, intervenção e especificidade do educativo.

Assim, o discurso pedagógico abrigaria tanto o conceito educativo recriado pelas ciências auxiliares de desenvolvimento, quanto o conceito educacional, ou seja, tudo aquilo que diz respeito à intervenção, à especificação do educativo.

---

<sup>19</sup> Texto integrante do Relatório Final dos Trabalhos do Grupo de Trabalho – Pedagogia VII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, em Águas de Lindóia, de 31/08 a 4/09 de 2003.

Martins <sup>20</sup> destaca que o debate acerca de se a Pedagogia seria ciência ou ciências da educação, assim como o de teoria *versus* prática, somente favorece o afastamento do objeto principal da Pedagogia: o fenômeno educativo. Dizendo de outra forma, a Pedagogia se ocuparia de estudos que visam melhorar o planejamento e a realização de intervenções que visem o crescimento do ser humano em situações educativas.

Na mesma linha de pensamento, Libanêo (2002) insiste que, acima de qualquer coisa, a Pedagogia é um campo científico, “*um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e ao mesmo tempo uma diretriz orientadora da ação educativa.*” (p. 30)

Assim, interpretando suas palavras, a Pedagogia é uma reflexão teórica sobre práticas educativas. O autor salienta que a Pedagogia aborda o fenômeno educativo como integrante da realidade social. Por isso não se restringe ao ambiente escolar ou a qualquer instituição formal. A Pedagogia ocupa-se das práticas educativas que ocorrem em ambientes socialmente organizados, enquanto estiverem intencionalmente ocorrendo; assim sendo, não se restringe a uma população ou faixa etária específicas.

Concluindo, pode-se afirmar que a Pedagogia tem, por objeto de estudo, o ensinar e aprender. Esses processos educativos compreendem na escola e em outras instituições, o aprendizado formal, mas compreende também os processos de ensinar e aprender, situados dentro de processo histórico, cultural, econômico e social.

### **1.1-O(A) Pedagogo(a)**

Antes de tudo, é importante destacar que se fôssemos usar um termo geral para designar os profissionais da Pedagogia, deveria ser Pedagoga, considerando que a maior parte das pessoas que se profissionalizam na área são mulheres. Entretanto se assim o fizéssemos, estaríamos reproduzindo a atitude machista que, quando busca designar a todos os seres humanos, o fazem no masculino: ‘o homem’, ‘o pedagogo’. Além do mais seria injusto para

---

<sup>20</sup> Texto integrante do Relatório Final dos Trabalhos do Grupo de Trabalho – Pedagogia VII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, em Águas de Lindóia, de 31/08 a 4/09 de 2003.

com os homens pedagogos, pois eles também apresentam produções importantes para a área de conhecimento.

Ao longo da história, o(a) pedagogo(a) assume funções nitidamente ligadas à docência, voltado aos anos iniciais de escolarização. E como também, o(a) pedagogo(a) tem como objeto de estudo central a educação, tem assumido ao longo dos anos, atividades não docentes, no interior da escola e nas redes de ensino, como tarefas de gestão e tem sido solicitado(a) a assumir planejamentos, execuções, coordenação de atividades educativas em ambientes não escolares, tais como: empresas, hospitais, centros comunitários etc.

Há um longa discussão, mesmo entre pedagogos(as), de dizer que o campo da Pedagogia era ambíguo e que a Pedagogia não seria uma ciência e que o(a) profissional pedagogo(a) não tem um perfil definido. Se examinarmos as funções que vieram desempenhando ao longo dos anos, seja como professor(a) de professores(as) dos anos iniciais, professor(a) do ensino fundamental, inspetor(a), supervisor(a), diretor(a), orientador(a) educacional, veremos que não há ambigüidade.

Esta ambigüidade não se diria que é própria dos(as) pedagogos(as), não é guiada por eles(as), como toda profissão, as exigências sociais e educativas a fazem tomar novos contornos.

Acontece que alguns cursos de Pedagogia tentaram ser tão abrangentes sem a necessária fundamentação teórica e metodológica, o que passa a idéia para quem olha de fora ou superficialmente, de um campo ambíguo.

De acordo com Bordas (2002), Tanuri (2005), os cursos de Pedagogia vêm aumentando muito nos últimos anos, gerando diversas áreas de ênfase ou habilitação.

Segundo Tanuri (2005), há um grande número de cursos que se concentram somente na docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental e/ou na Educação Infantil, ou na Educação Especial, e há também uma extensa variedade de cursos que integram a docência e outras áreas de formação pedagógica já tradicionais (gestão, administração, supervisão, orientação), além dos cursos que vêm surgindo, sem uma 'uniformidade em sua formulação'.

Para Bordas (2002), esta situação, se não é exclusiva dos cursos de Pedagogia, é neles que se manifesta com maior vitalidade, exigindo assim um processo de redefinição, com o objetivo de que as instituições formadoras não se percam na trajetória e, que os profissionais responsáveis pela formação não percam inteiramente suas faces. (p. 66)

Diante desta situação buscamos em alguns/algumas autores(as), que são estudados(as) na Pedagogia, o perfil deste(a) profissional.

Garcia (2002) considera a educação uma questão estratégica e discorre sobre a idéia de que se sabemos qual é o papel da educação na sociedade e de que escola queremos construir, conseguiremos, nesta perspectiva situar a atuação do(a) pedagogo(a).

Neste âmbito, Garcia (2002) defende a formação deste profissional em nível superior “que possa ser professor da educação infantil, que possa ser professora alfabetizadora, que possa ser professor das séries iniciais (do ensino fundamental), que possa ser professora do 2º grau e que possa, caso deseje, atuar na universidade que, para tal, seja professor ou professora estará capacitado”. (p.24)

Tal pensamento nos remete a um questionamento importante: Sabemos qual é a intencionalidade de nossa prática educativa dentro e fora do curso de Pedagogia?

Como ressalta Garcia (2002) e tantos outros autores, “a educação nunca é neutra”. E Garcia também relembra Paulo Freire: “Todo ato pedagógico é político”.

Seguindo estes dois pensamentos, o(a) pedagogo(a) além de possuir uma boa formação teórica, deve também ser formado(a) para que reflita sobre o desenvolvimento de sua prática educativa. Ao ensinar o(a) pedagogo(a) não ensina somente conteúdos específicos, sejam eles: matemática, português, história, geografia ou conteúdos pedagógicos, como filosofia da educação, didática etc. Ensina também concepção e visão de mundo, ensina possibilidade de mudança ou estagnação, ensina a ler as palavras e pode também ensinar a “ler o mundo”.

Para Paulo Freire, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco a sociedade muda”, e pensando numa educação comprometida com a construção de uma escola democrática, que respeite e valorize as diferenças, que seja anti-discriminatória, Garcia (2002) nos traz a expressão “pedagogo militante”, pois acredita que “o pedagogo”, diante da nossa sociedade excludente, fique indignado e seja um ‘pedagogo militante’ comprometido com a luta, que segundo ela, ocorre em dois espaços:

*“na escola, como profissional da educação que é, e no espaço mais amplo da sociedade: como profissional militante comprometido com a transformação da sociedade. Ele é o único profissional que ocupa dois espaços para a transformação da sociedade. Ele luta pela transformação da sociedade enquanto cidadão, participando de movimentos sociais, de movimentos de mulheres, do movimento contra a violência, do movimento pela paz. Ele luta em todos esses movimentos no espaço mais amplo da sociedade, como qualquer cidadão ou cidadã, mas luta também, enquanto profissional específico que é,*

*pedagogo na escola, traduzindo pedagogicamente o que aprende com os movimentos sociais dos quais participa. Na escola a responsabilidade é nossa.” (Garcia, 2002, p.31)*

Essa dupla responsabilidade, de acordo com a autora, exige pensarmos seriamente sobre o curso de formação de professores (p.31). O curso de Pedagogia deve colocar em discussão a sociedade na qual vivemos, pois, para Garcia (2002), “um bom pedagogo” será aquele profissional “que aprendeu no seu curso de Pedagogia que nada do que se faz na escola é neutro (...) e tudo que se faz nesse ambiente, tem a ver com nosso engajamento na construção de uma escola incluyente, ou simplesmente, nossa aceitação de uma escola excluyente”. (p. 36)

Para outra autora, Bordas (2002), as inquietações acerca da identidade do pedagogo e a busca pela mesma, decorrem e podem ser discutidas a partir de três causas maiores:

*“a orientação nitidamente voltada para obedecer aos princípios de uma globalização economicista e os modos de agir dos setores governamentais na elaboração de políticas públicas para a formação de professores”; - “situação quase caótica em que se encontra a área da Pedagogia, pulverizada em um sem número de habilitações e entregue, em mais de 70%, às instituições privadas e isoladas” e, por fim “os dissensos revelados no interior da própria comunidade dos educadores quanto à natureza e ao papel do curso de Pedagogia”. (p. 66)*

Segundo a autora, a multiplicidade de propostas de habilitações e de estruturas curriculares praticamente inviabiliza a determinação de diretrizes gerais para o curso. E esta situação, destaca, não ocorre somente nos cursos mantidos por Instituições de Ensino Superior (IES) isoladas, mas também, embora com menor frequência, em Universidades, públicas ou privadas. (p. 68/68)

Bordas (2002) questiona:

*“Como é possível regulamentar uma profissão de nível superior quando não estão definidos nem o onde nem o como são/serão esses profissionais formados, nem a organização do processo de formação, delineado pelo projeto pedagógico institucional expresso na estrutura curricular do curso?” (p. 75)*

Para ela, é preciso a existência de um olhar que possa distinguir o conjunto de cursos e as determinações que os conformam e suas respectivas especificidades que correspondem às exigências dos diferentes contextos sócio-econômico-culturais em que se inserem. Além de estarmos atentos às tentativas de estabelecimentos de Diretrizes provindas diretamente das sucessivas Comissões Especiais estabelecidas pelo Conselho Nacional de

Educação (CNE), assim como às propostas de regulamentação profissionais levadas à Câmara Federal, que irão intervir efetivamente, sempre que necessário.

Sendo estas tarefas, não só do movimento dos educadores, mas também do comprometimento dos estudantes de Pedagogia, dos professores das redes de ensino e da própria sociedade civil, a fim da luta pela sobrevivência e respeito ao curso de Pedagogia, assim como as discussões com o objetivo de definir quem é o pedagogo. Como ressalta Bordas (2002), “se não afirmarmos saber quem somos quem o afirmará?” (p.78)

Entendemos assim, que independente de o(a) pedagogo(a) estar ligado à atividade docente ou atividades não docentes, é preciso e necessária a formação de um(a) pedagogo(a) que esteja atento(a) para o processo educativo e que seja educado para atentar à sua responsabilidade na formação do ser humano.

## **2-Diversidade**

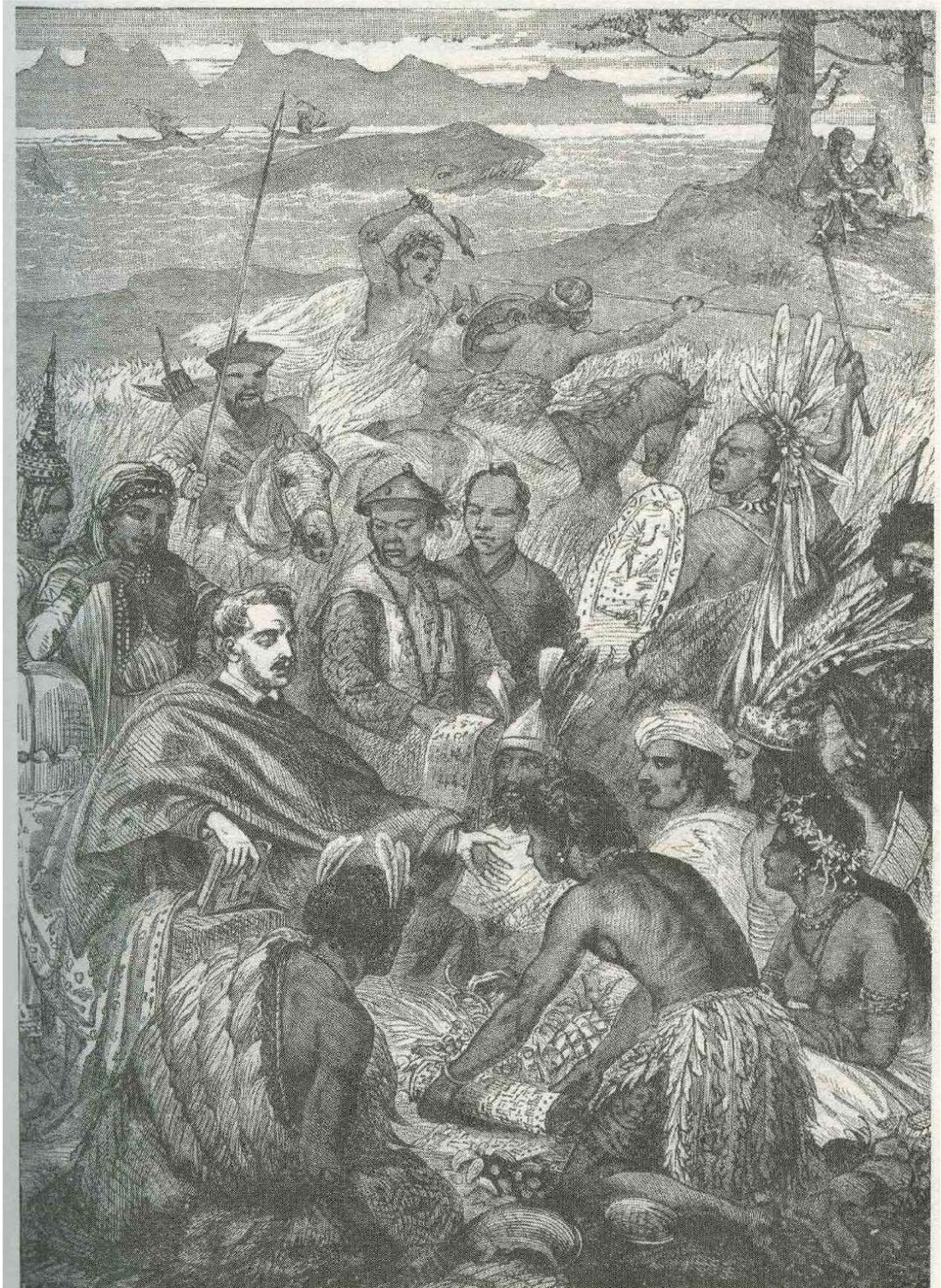
O conceito de diversidade é muito abrangente, tendo definições amplas e diversas. Talvez isso seja resultado do próprio uso da palavra durante a história. Diversidade, sendo usada por antropólogos no século XVI, possuía um sentido muito diferente do atual. Wood's (2003), em seu livro *Diversity – The Invention of a Concept*, mostra-o fazendo uma análise da ilustração “Representação Alegórica das Raças Humanas”<sup>21</sup>:

O artista desenhou um missionário caucasiano no meio de uma multidão de nativos. Ao seu redor, polinésios, indonésios, um índio do Oeste Americano, um Maia, um aborígene australiano, dois chineses, um Hindu, um Thai, um Pashtun, um cavaleiro mongol montado, um casal de bárbaros clássicos e dois Inuits em kaiakes foram retratados.

Na interpretação da figura 1, fica evidente que o missionário, posicionado no centro da ilustração, representa o conhecimento erudito e a moderna universidade, enquanto os demais povos são retratados de forma inferiorizada, seja na forma como olham para o europeu, fascinados e desconfiados, pelas suas ações “bárbaras” ou sua posição de submissão.

---

<sup>21</sup> Ilustração feita pelo Reverendo J.G.Wood's, em sua obra “As raças não civilizadas ou a História Natural do ser Humano, de 1870.



**Figura 1. “Representação Alegórica das Raças do Homem”**

Para Wood (2003), esta figura não representa uma visão positiva da diversidade, feita em uma era de imperialismo cultural. A figura deixa explícita a idéia de superioridade da civilização Ocidental e Cristã sobre os demais povos nativos subjugados da terra.

O conceito de diversidade vem sendo construído desde o século XVI, com a expansão européia. Ao longo deste tempo, encontram-se diversos significados de diversidade expressos em definições que incluem e excluem povos, que salientam o entendimento de que haveria um povo superior, o europeu, e outros inferiores.

Wood (2003) mostra que a maioria dos escritores, políticos, administradores, governantes e pensadores do século XIX não se preocupavam pelo fato de missionários serem mandados para converter povos não cristãos independentemente do dano que iriam causar para tanto. Também não estavam preocupados se colonizadores eram mandados para promover modificações no modo de vida dos nativos e que administradores eram enviados para impor idéias ocidentais de lei e ordem.

Naquele período também se defendia a idéia de que os nativos poderiam ser todos colocados em uma mesma escala de miseráveis, alguns sendo considerados mais inferiores que outros.

Os antropólogos da época acreditavam que as várias tribos e nações do mundo poderiam ser organizadas em uma escala de progresso, do mais primitivo ao mais avançado. A questão era encontrar a sociedade mais primitiva e decidir, dentre as civilizações de origem européia, qual seria considerada a mais avançada.

A antropologia do século XIX, identificada como Evolucionista Social, empregava o termo diversidade, tanto quanto à diversidade de raça como a de tribos, em termos evolucionários. Algumas tribos e raças eram mais evoluídas que outras, mas, mesmo estas, evoluíam por caminhos diferentes e separados da sociedade ocidental.

As várias características fenotípicas e culturais de tais povos eram pobremente descritas e estes relatos eram repletos de opiniões e críticas, como a descrição do viajante Charles A. Goodrich, em seu livro *The Universal Traveller (1838)*, no qual podemos ver nos exemplos abaixo quando ele relata seu contato com o povo de Bornou:

*“... Os homens, que prestam menos atenção a questões mentais, são grandes esportistas e hospitaleiros, mas bebem excessivamente e se irritados as provocações podem gerar conflitos que permanecem por muitas gerações”.*(p.57)<sup>22</sup>

*“As mulheres são particularmente limpas, mas não muito bonitas; elas têm bocas grandes, lábios muito grossos e testas altas...”* (p.58)<sup>23</sup>

Wood (2003) diz que diversidade nos leva a pensar em uma América não com uma simples vestimenta, mas como divididos, isto é, em grupos separados – baseados em raça, etnicidade ou sexo, sendo que alguns têm desfrutado de privilégios, que têm sido negados a outros.

Dussel (1996) nos mostra que o sistema mundo criado a partir do século XVI, propicia a expansão de determinadas culturas, as quais ele chama de “centro” em detrimento de outras que seriam as chamadas “periféricas”.

Segundo Dussel (1996, p. 254), no processo de conquista, ocorreu a exterminação de uma civilização em favor de outra. Podemos assim refletir que as conquistas realizadas pelos países que estão no “centro” projetaram aos homens que estão na “periferia” seu modo de pensar, sua cultura, a valorização do outro que não é ele próprio. Assim o que se encontra no “centro” seria o que Dussel chama de “totalidade” e o que estaria na “periferia” seria a “exterioridade”. Dentro desta totalidade se encontra o “ser que é” e na exterioridade encontramos o “o ser que não é”.

Heidegger apud Dussel, 1996 diz que *“Espanha, Inglaterra e Rússia são os pólos ou pontos de expansão da única Europa que conquista o mundo e estabelece uma verdade única a partir do centro”*.

Entendendo a Europa como este centro e sendo este único, criou-se a imagem do ser humano como se fosse único: o ser homem europeu. A partir disso, todos os demais homens passam a ser mediados e julgados a partir do homem europeu.

O que encontramos dentro desta totalidade é o que nossa sociedade conhece como o padrão, como o reconhecido, como o valorizado. Tudo que é contrário a esse padrão encontra-se na exterioridade e são por aqueles desprezados, ignorados.

---

<sup>22</sup> Descrição dos homens do Reino de Bornou, na África Central.

<sup>23</sup> Mulheres também do Reino de Bornou, na África Central.

Na lógica da totalidade, há a predominância de uma hegemonia, na qual a diversidade não é valorizada. Sendo que o negro, o índio, o africano, as nações pobres, são as classes oprimidas.

Dentro desta totalidade há um impedimento para a emergência de um novo além do sistema mundo que vige desde o século XVI.

A figura 2<sup>24</sup> ilustra a teoria da Totalidade e Exterioridade de Dussel, demonstrando que a exclusão e a discriminação partem do pólo da totalidade, que está localizada no centro, isto é, somente um objeto.

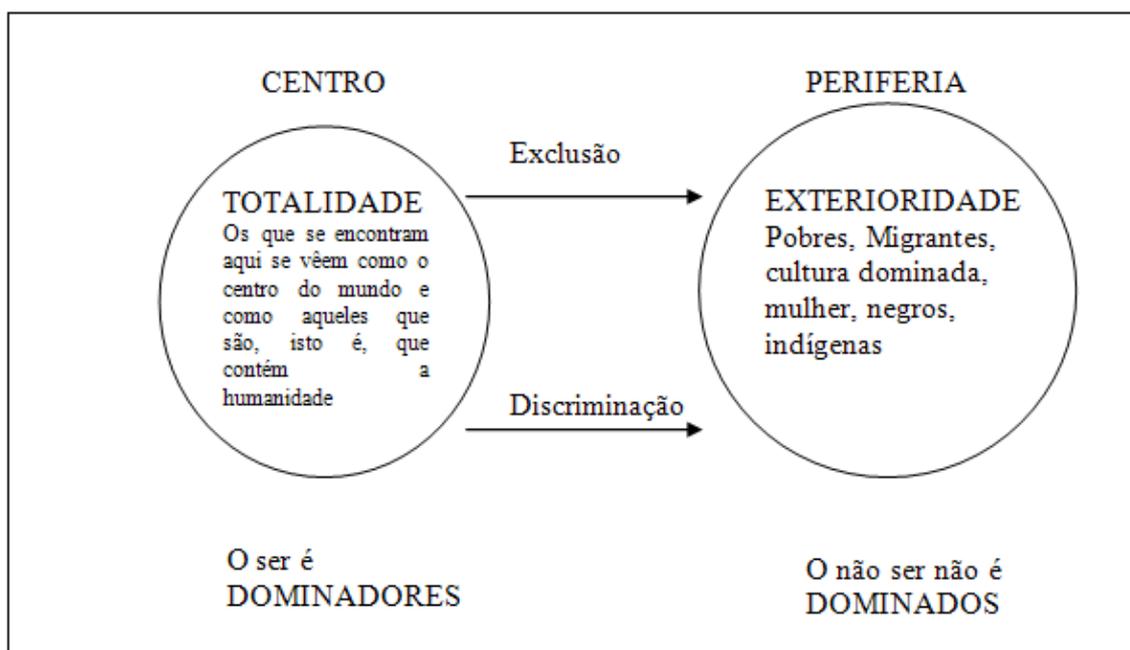


Figura 2.

Desde o início das grandes navegações e do Renascimento, Espanha e Portugal, mesmo antes do resto da Europa, subjogavam outros povos para conquistar e para domínio do centro sobre a periferia. A Europa, então se estabelece como centro do mundo (no senso planetário) e traz como mais importante a sua visão de mundo.

A figura 3<sup>25</sup> relaciona esta relação dos países dominantes com os países dominados. No centro temos os Estados Unidos da América e a Europa inserindo a cultura

---

<sup>24</sup> Figura apresentada no Curso de Extensão “Cidadania, Ética e Processos Educativos na Perspectiva Freireana e Dusseliana”, pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Sonia Stella Araújo Oliveira, na Universidade Federal de São Carlos, de 26 à 28 de outubro de 2004. Figura ilustrativa da teoria da Totalidade e Exterioridade de Dussel.

ocidental e cristã de maneira opressora, ou seja, a relação é marcada pela dominação das demais culturas dos outros povos.

Observa-se também nesta figura que os países dominantes estão instalados de forma periférica, isto é, contornam o centro, porém não pertencem a ele. Por isso é denominado de periferia.

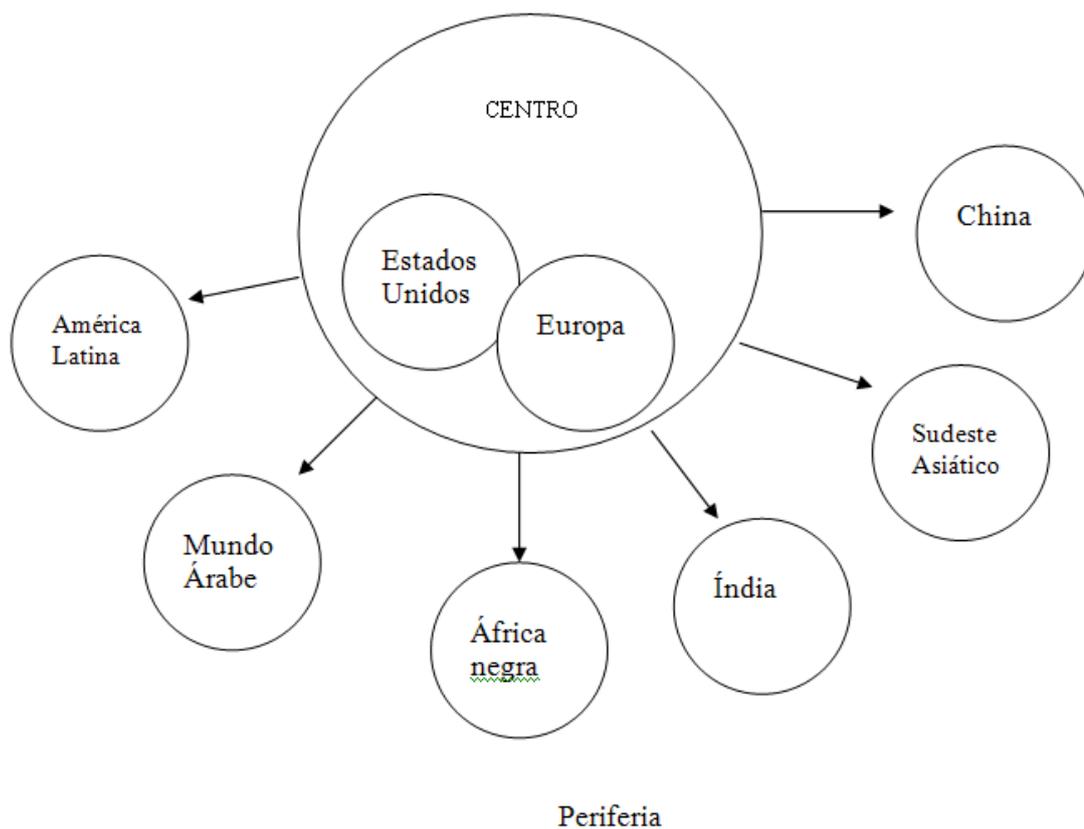


Figura 3.

Ao refletirmos sobre essa questão é importante que façamos uma distinção entre diversidade, seja ela de etnia, cultural, gênero ou econômica com a desigualdade social.

Pois os grupos sociais que ao longo de suas histórias, construíram seu modo de vida e seus conhecimentos, estão construindo e valorizando sua cultura. Assim, somos uma nação, que na construção de sua diversidade, promove a singularidade de cada grupo social.

---

<sup>25</sup> Esquema El “centro” y la “periferia” dependiente, apresentada no livro *Introducción a La Filosofía de la Liberación*, pg. 149 de Enrique Dussel.

Porém a construção de uma desigualdade social ocorre dentro de uma relação de dominação e exploração, podendo ser econômica, política ou cultural.

Sendo nossa sociedade marcada por uma estrutura excludente e autoritária, impossibilita o reconhecimento e valorização de toda a nossa diversidade, gerando assim preconceitos e discriminações, a educação é um trabalho que vai ao encontro da construção de uma sociedade democrática, a favor da valorização e reconhecimento da diversidade.

Mesmo hoje, o conceito de diversidade é usado de diversas formas em diversos contextos.

De acordo com Wood (2003), a palavra diversidade pode se referir, às vezes, a um conjunto de crenças.

A crença da existência de grupos superiores e inferiores contribuiu para o estabelecimento de uma hierarquia calcada em preconceitos e estereótipos.

Haja vista a diversidade que está dada na sociedade, é preciso refletir como o mundo se relaciona com a mesma. Considerando que alguns grupos, no decorrer da formação da sociedade, tem desfrutado de privilégios que têm sido negado a outros.

Segundo Wood (2003), referindo-se à sociedade americana, a teoria da diversidade defende que esta mesma sociedade é uma hierarquia na qual os brancos oprimem outros grupos e que indivíduos participam da perpetuação desta hierarquia abrigando-se em estereótipos maldosos a respeito dos membros do grupo oprimido.

Wood (2003) nos chama a atenção para o uso da palavra diversidade, que segundo ele, muitas vezes, pode ser vago e circundante.

O conceito de diversidade pode ser usado como o restante ao especificar todos os grupos que vem em mente, quando se tem por base os grupos dominantes. Pode ser usado também como diversidade cultural, acarretando a esse termo uma sentença condensada para a grande banalidade de que o mundo é um lugar grande, cheio de variedade humana.

A palavra diversidade pode se referir também a imagens de povos, não se referindo unicamente à variedade humana, mas sua representação, como, por exemplo, em videogames, nos quais somente 16% dos heróis são mulheres e os negros e latinos aparecem somente como esportistas.

Pensando numa educação que reconheça e valorize o diverso, Paulo Freire nos mostra um caminho ao deslocar o centro da reflexão da educação, centralizando os chamados despossuídos, que se encontram na exterioridade, para poder pensar o processo educativo.

Conclui, Dussel que “*o ser é e o não ser também é*”, diferente do pensamento que dominava: “*o ser é, e o não ser não é*”.

Desta forma, Paulo Freire não realiza uma troca de posição nos processos educativos, o excluído colocando-o no centro e pondo para fora o opressor, mas ao colocar também o “oprimido” em seu centro, quebra a lógica na qual o “oprimido”, que não era um ser, se mostra humano e muda a forma de pensar o mundo. O exterior passa a fazer parte da totalidade. O oprimido busca sua libertação e humanização, buscando também a humanização e libertação do opressor, pois embora a diversidade agora também faça parte do centro, o opressor continua desumanizado.

Paulo Freire (1987) nos chama a atenção para pensar em educação como formação humana, como processo de produção dos seres humanos, em toda sua diversidade, como sujeitos. Com a possibilidade de *o não ser também ser*, de o oprimido buscar sua liberdade:

*“Quem, melhor do que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela”.*(Paulo Freire, 1987, p.31).

Para Paulo Freire não somos seres de “*adaptação*”, mas somos seres de “*transformação*”, uma vez que o processo educativo não pode se limitar a transmitir, a depositar os conhecimentos, deve ser um processo de “*libertação*”.

A educação deve formar para a diversidade. Formar para o respeito a essa diversidade.

Atualmente há uma imprecisão, ou uso irrestrito e crescente<sup>26</sup> do conceito de diversidade na educação, mas o que precisamos entender é que não devemos somente

---

<sup>26</sup> Com diferentes utilizações e espaços destinados ao conceito de diversidade. São exemplos, na educação: o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que elegeram a “pluralidade cultural” como um dos Temas Transversais (Brasil, Ministério da Educação, 1997), assim como os Programas Diversidade na Universidade, Educação para a diversidade e cidadania e Educação Inclusiva: direito à diversidade da Secretaria de Educação Especial. Em 2004, no âmbito do Ministério da Educação (MEC), criou-se a Secretaria de Educação, Alfabetização e Diversidade (SECAD), apresentada como fruto da reestruturação do MEC, tendo como “prioridade e objetivo a valorização da riqueza de nossa diversidade étnica e cultural, reunindo, pela primeira

“incluir” a diversidade na escola, mesmo porque a diversidade está dada na realidade, o que precisamos é reconhecer, respeitar e valorizar a diversidade.

## 2.1-Educação, Diversidade e o Direito à Diferença

Segundo Gomes & Silva (2002), quanto maior a complexidade das relações que se dão entre *“educação, conhecimento e cotidiano escolar; cultura escolar e processos educativos; escola e organização do trabalho docente, o campo da Pedagogia é desafiado a compreender e apresentar alternativas para a formação de seus profissionais”*. (pg. 13)

As experiências de Maiga (2002) e King (2002) demonstram a necessidade e importância da valorização da diversidade, no campo da Pedagogia.

Maiga (2002), lecionando em seu curso de Francês e “Língua e Cultura Songhay”<sup>27</sup> pôde vivenciar a experiência do “despertar cultural libertador” de seus(suas) alunos(as).

Por conta do interesse de seus alunos(as) em relação a respeito do lugar de onde ele vinha e à maneira como discutia certas questões culturais, Maiga e seus alunos(as) travaram *“extensas explorações das diferenças entre as visões de mundo e as práticas culturais européias e africanas”* (Maiga, 2002, p. 72)

Como resultado dessas discussões os(as) alunos(as) começaram a ver o mundo de uma outra perspectiva. Por exemplo, ao lerem em um livro didático francês que justificava a escravidão dos africanos na colônia francesa da Louisiana afirmando que “as plantações precisavam de trabalhadores”, eles puderam ver a intervenção de Maiga a respeito disso, que não seria usada por um professor europeu, como o próprio Maiga salienta.

Dentro desse curso, os alunos de Maiga vivenciaram experiências de aprendizado em suas pesquisas, que possibilitaram o “despertar cultural libertador”, como podemos ver num exemplo abaixo:

---

vez, os programas de alfabetização e educação de jovens e adultos, educação indígena, educação no campo, educação ambiental, diversidade e inclusão educacional” (SECAD,2004).

<sup>27</sup> Curso lecionado na Southern University, em New Orleans./ N. do T. - Songhay é uma das culturas que floresceram na região ocupada hoje pelo Mali

*“Como um povo, nós precisamos focalizar nossa mente e nosso coração para nos unir em harmonia, com nossas famílias, comunidades e negócios [...]. Se nos unirmos, seremos capazes de construir uma nova nação em nosso mundo hoje. É por isso que devemos aprender sobre nosso legado de cultura e língua africana, para que possamos nos unir para construir uma nova nação [...]. Se os alunos aprenderem sobre sua verdadeira identidade e herança cultural, eles serão capazes de trazer a unidade para a família, para a comunidade e para os negócios. Com unidade poderíamos conquistar muitas coisas na vida, e conhecer nossa identidade nos dará poder. E isto nos dará conhecimento e sabedoria para abriremos nossos olhos para os fatos da vida. Algum dia, talvez gostaríamos de visitar nossa terra natal e ser capazes de partilhar com os outros o grande valor da vida. Como um povo nós precisamos e devemos algum dia nos unir em harmonia.”*

*(Mary, aluna do curso, escrevendo sobre o significado do próprio curso sobre língua e cultura Songhay)(p.77)*

A exemplo de um curso na pós-graduação na University of New Orleans, King (2002) também fez com que seus alunos(as) percebessem o mundo de outra forma. De acordo com a autora, “a escola, o conhecimento acadêmico e as formas de conhecimento centrado na cultura européia (ou na mais disseminada) contribuem para manter coesa a estrutura social existente. [...] Ao venerar a “brancura conceitual”, a estrutura social existente denigre a negritude e, necessariamente, suprime a consciência histórica e a memória cultural negras.” (King, 2002, p.81)

Dessa forma, nesse curso de pós-graduação foi instituída uma disciplina de Estudos do Negro, que estabeleceu “a fundamentação intelectual para a recuperação da memória cultural negra”, que estava sendo constrangida pela cultura hegemônica presente nos Estados Unidos.

Esse curso permitiu aos alunos(as) tomarem consciência com outra perspectiva e resgatar uma memória que estava sendo posta de lado, mas como educadores(as), perceberam a importância do resgate, valorização e respeito de sua cultura, da diversidade.

Lois, uma aluna do curso escreve:

*[...] “Eu tenho a liberdade de ser quem eu sou – e não aquilo que os outros querem que eu seja”[...] (p.87)*

É necessário muita reflexão e trabalho para a realização deste processo, mas pensando em uma Pedagogia anti-racista é preciso que a *escola seja mais do que escola* e permita aos discriminados, aos excluídos, aos oprimidos, aos diferentes uma proposta pedagógica específica para eles, que trabalhe na perspectiva deles, dando-lhes igualdade de valorização e de respeito. E para alguns, que em um determinado momento, dirão que isso é impossível, dois pequenos exemplos acima, dos muitos que existem, mostram que é possível

que a Pedagogia, professores e professoras tratem da diversidade étnico-racial, possibilitando a construção de uma nova educação, pautada na liberdade, na humanização, no respeito e na valorização da diversidade.

## CAPÍTULO II

### Metodologia de Pesquisa

#### 1- Caminhos da Pesquisa

Este trabalho de pesquisa tem em sua opção metodológica e postura investigativa compreensões e ações oriundas da Fenomenologia.

O trabalho não teve a pretensão de realizar uma pesquisa nessa área de conhecimento, mas buscou na Fenomenologia referências. Referências estas encontradas no estudo de Paviani (1988) e em trabalhos que se orientam com procedimentos de investigação fenomenológica (Giorgi, 1978; Silva, 1988, 2005; Hennemann, 1989).

De acordo com Paviani (1989, p.24), o pesquisador que busca referências na Fenomenologia para investigar, na verdade busca orientação para a tarefa de “reaprender a ver o mundo”.

Assim sendo, o investigador não busca na Fenomenologia uma fórmula para pesquisar, mas uma orientação para se aproximar de pessoas cuja experiência, no campo que quer investigar, pode ajudar a identificar, compreender, explicitar significados, no caso da presente pesquisa, significados que pedagogos(as) dão ao trato da diversidade étnico-racial.

Dessa forma, a presente pesquisa teve a intenção de compreender, juntamente com alguns(algumas) professores(as) e alunos(as), o tratamento da diversidade étnico-racial no curso de Pedagogia. A pesquisa foi desenvolvida, conforme aponta Silva (1989), “numa atitude *de aceitação recíproca, jamais de sujeição ou subordinação*”, entre pesquisadora e participantes, que de certa forma se uniram em um mesmo projeto. (p.113).

Participaram desta pesquisa quatro professores(as) (dois homens e duas mulheres) e três alunos(as) do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) (um homem e duas mulheres), dos quais dois alunos do último ano do curso de

Pedagogia, sendo um deles membro do NEAB e uma aluna do primeiro ano do curso de Pedagogia, também membro do Neab.<sup>28</sup>

Dos quatro professores(as), dois foram escolhidos de forma a contemplar os departamentos<sup>29</sup> existentes no curso de Pedagogia da UFSCar e outros dois foram escolhidos por trabalharem em departamentos cuja área de estudos e pesquisas – psicologia e sociologia – oferecem aportes para o campo da Pedagogia, contribuindo para o pensamento e prática educacional.

A coleta de dados da pesquisa deu-se por meio de conversas realizadas a partir das seguintes questões desencadeadoras:

- 1) No seu entender, qual é o campo da Pedagogia, enquanto ciência?
- 2) Qual o papel do curso de Pedagogia na formação do profissional e quais devem ser as condições para essa formação?
- 3) No seu entender quando se diz diversidade, se está pensando em quê?
- 4) Que condições são necessárias para que questões relativas à diversidade étnico-racial sejam tratadas em cursos de formação de professores(as), particularmente o de Pedagogia, tanto na educação básica quanto na formação continuada?
- 5) Você concorda que para tratar da diversidade, com base no Parecer CNE 003/4 de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, é preciso criar uma Pedagogia anti-racista?  
Se sim, o que caracteriza essa Pedagogia anti-racista?
- 6) Que recomendações você faria para a elaboração ou implementação de uma Pedagogia anti-racista?

Cabe destacar que anteriormente a essas conversas, a pesquisadora já possuía uma relação de contato com os(as) participantes. Relação estabelecida com os(as) professores(as) por ter sido aluna do curso de Pedagogia no qual a pesquisa foi realizada e o contato com os(as) alunos(as) já era estabelecido por envolvimento e participação com o

---

<sup>28</sup> Havia também a intenção de conversar com um aluno ou aluna do primeiro ano do curso de Pedagogia que não fosse membro do NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros), porém, por dificuldades em conciliar horário e tempo com os(as) possíveis participantes, essa conversa não foi realizada.

<sup>29</sup> Departamento de Educação e Departamento de Metodologia de Ensino

NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro) e por envolvimento com o Centro Acadêmico do curso de Pedagogia.

Inicialmente foram buscados contatos com os participantes para o convite da realização das conversas, além de situar os(as) participantes no contexto da pesquisa e explicitar seus objetivos.

Posteriormente as conversas foram realizadas com dia e hora definidos, sendo cinco conversas realizadas no espaço da UFSCar e duas na residência das participantes.

No decorrer das conversas, tanto pesquisadora quanto os(as) participantes formularam novas questões, aguçando curiosidades, interrogações e pensamentos, ampliando a temática das questões desencadeadoras.

Conforme ensina Silva (1989), a pesquisa se desvelou na relação estabelecida entre as pessoas e “*na medida em que mutuamente*” lançavam-se interrogações, questionamentos, esclarecimentos, opiniões.

Para Silva (1988):

*“o diálogo é, pois, uma exigência fundamental da existência humana”*

(p.2)

Destaca-se assim a importância do diálogo estabelecido nas conversas para a compreensão da questão norteadora deste trabalho:

*“Como a diversidade étnico-racial é tratada e como deve ser tratada no curso de Pedagogia, no entender de alunos(as) e professore(as)?”*

De acordo com Silva (1989), destaco que os(as) participantes da pesquisa não foram objeto e sim participantes, em outras palavras, ocuparam o lugar de pesquisadores(as), pois também tinham o intuito de compreender e colaborar na construção das compreensões buscadas.

Dessa forma, pesquisadora e participantes foram explicitando o entendimento acerca da Pedagogia, da diversidade, das condições do tratamento da diversidade étnico-racial, dos encaminhamentos possíveis ou não para a construção de uma Pedagogia anti-racista.

## 1.1- Organização dos Dados para Análise e Análise<sup>30</sup>

Após as transcrições das conversas, ocorreram leituras das mesmas e elaboração de planilhas<sup>31</sup> com o objetivo de identificar as unidades de significado, seus respectivos temas e dimensões.

Para a realização do descrito acima, buscou-se orientação em Giorgi (1985):

*“leitura da transcrição (...) tal como ocorreram, a fim de captar o seu sentido total; releitura, com a finalidade de identificar as unidades de significado; retomada das unidades de significado, para situar as que mais intensamente revelam o fenômeno considerado; finalmente organização das unidades de significado numa síntese que expressa a estrutura da experiência vivida.”(p.10-21)*

A análise de dados foi, então, organizada por meio de sínteses de cada questão desencadeadora, revelando o entendimento dos(as) participantes sobre o fenômeno, sendo retomadas no capítulo final para serem dialogadas com referências teóricas, na tentativa de trilhar novos caminhos para o tratamento da diversidade étnico-racial no curso de Pedagogia.

---

<sup>30</sup> A organização e sistematização dos dados coletados foram feitas pela pesquisadora.

<sup>31</sup> Planilha em Anexo.

## **CAPÍTULO III**

### **O que dizem estudantes e professores (as) do curso de Pedagogia sobre Pedagogia e Diversidade<sup>32</sup>**

#### **Análise de Dados**

### **1-Campo da Pedagogia**

O campo da Pedagogia, para os(as) participantes, apresenta diversos entendimentos, entretanto todos(as) indicam que o centro das buscas e preocupações dessa área de conhecimento é o tratamento dos processos de ensino e aprendizagem. Charles<sup>33</sup>, professor e pesquisador na Pedagogia mostra que a compreensão do campo em que hoje atua, foi se formando e consolidando na sua trajetória enquanto estudante na área e enquanto professor e investigador. Para ele, esta discussão sempre se fez presente. Questões como “que profissão é essa?”, “que campo de conhecimento é esse?” sempre pautaram sua formação e construção como pedagogo. As participações nas reuniões do Fórum Paulista de Pedagogia fizeram com que ele acumulasse muita experiência e considera a discussão central desses fóruns se a Pedagogia é ou não uma ciência. Mas se sente cansado dessa discussão, já que considera que não há avanço da mesma. Há os que acreditam que a Pedagogia é uma ciência, no entanto, outros consideram que não é uma ciência. Para ele, ambos os lados não conseguem construir uma argumentação forte, capaz de convencer se a Pedagogia é ou não uma ciência, o que faz com que encontremos uma certa indefinição do campo.

---

<sup>32</sup> É importante ressaltar que na síntese dos dados, procurou-se respeitar os que os(as) próprios(as) participantes tinham falado, o que às vezes pode remeter a idéias repetitivas.

<sup>33</sup> Todos os nomes utilizados são fictícios.

Charles acredita que em alguns pontos se tenham acordos e um deles é sobre o objeto da Pedagogia, que ele considera ser os processos de ensino e aprendizagem. Para ele, esse objeto aproxima tanto aqueles que acham que a Pedagogia é uma ciência, como aqueles que pensam o contrário. Já que o objeto de trabalho do pedagogo é lidar com as questões do ensino e aprendizagem, o que faz acreditar que isso gera certa identidade aos profissionais do curso de Pedagogia.

Alícia, aluna do primeiro ano do curso de Pedagogia, também faz uma ligação de sua trajetória ao seu próprio conceito de Pedagogia.

Sua escolha pelo curso esteve ligada aos questionamentos que fez durante a sua trajetória como aluna do Ensino Médio e do cursinho pré-vestibular. Ela questionava a educação que recebia em sua escola e no cursinho. Por exemplo, os professores de seu cursinho, que era público, davam aula também no cursinho Etapa, da rede privada, e o conteúdo entre os dois cursinhos eram diferentes. Ela questionava essa diferença na educação e a partir daí resolveu cursar Pedagogia.

Para ela, o campo da Pedagogia é muito amplo e complexo. O campo relaciona-se com a ligação do conteúdo das disciplinas com a atuação, com a realidade. Destaca que o centro da Pedagogia é a educação e que a formação do pedagogo é muito ampla e requer muito estudo.

Rochele, professora e pesquisadora na Pedagogia, entende que o campo da Pedagogia trata dos processos educativos, principalmente dos processos escolares, já que a Pedagogia estrutura-se como profissão em torno dos processos escolares.

Vagner, professor e pesquisador na Sociologia, parte da sua compreensão acerca do debate que há dentro da Pedagogia, considerando o campo da Pedagogia como precisamente a relação do professor com o aluno. Dentro dessa relação, ele expõe duas compreensões distintas: 1 – o aluno é um receptáculo e entoa. Essa concepção seria a da técnica que você pode utilizar para transmitir conteúdo de uma maneira organizada e sistematizada para o aluno; 2 – a Pedagogia tem um papel de auxiliar o educando a desenvolver suas potencialidades.

Para Vagner, as duas concepções podem ser enxergadas de um ponto de vista histórico, considerando que a primeira tivesse lugar, talvez, até os anos 60, 70 e nas últimas décadas a segunda concepção vem ganhando espaço e aparece com diferentes nomeações. Uma dessas nomeações seria, por exemplo, o construtivismo, no seu entender.

Fatume, professora e pesquisadora do Departamento de Psicologia, considera que a Pedagogia trata fundamentalmente da condição do saber. Trata dos meios e das formas de levar conhecimento às pessoas. Em outras palavras, para ela, o campo da Pedagogia perpassa quatro questões básicas: o que ensinar, para que ensinar, como ensinar e quando ensinar. As questões refletem, para ela, pensar nas condições do contexto em que nós estamos, em como a escola vem constituindo-se ao longo dos anos, condições sociais, de aprendizagem etc. Considera que essas condições deveriam fazer parte do campo, do lócus da Pedagogia. O lócus da Pedagogia para ela é o da formação do professor, do docente. Então, fundamentalmente, a base da Pedagogia é a educação, a educação de todos os seres humanos, de como ocorre essa educação e como os homens modificam o mundo e são modificados por ele.

Nesse sentido, Alícia, afirma também que a Pedagogia envolve a prática da formação de um “homem unilateral”. Que a Pedagogia deve pensar na formação completa de uma criança, pois a Pedagogia envolve a formação de uma criança estruturada, de maneira uniforme. Remetendo-se a Paulo Freire, em sua *prática para a liberdade*, a participante pensa que a Pedagogia envolve uma formação para a liberdade, pois pensando em práticas coercitivas<sup>34</sup>, a Pedagogia deve envolver uma formação que iniba tais práticas.

Rose, aluna do último ano do curso de Pedagogia, considera que não tem muito claro o que seja a Pedagogia. Pontua que desde que entrou no curso de Pedagogia, acompanha a discussão sobre a identidade da Pedagogia e que participou de inúmeros encontros de Pedagogia, nos quais também se discutia a identidade do pedagogo. Conclui que ninguém sabe ao certo o que o pedagogo faz direito e se remete a si própria. Contudo, diz que a Pedagogia proporcionou para ela a formação para o magistério de primeira à quarta série e também a formação para a pesquisa.

Para ela, a Pedagogia deveria abordar, e ela acha que aborda, a importância de saber mais sobre o ensino para poder dar aula, saber história, os contextos, os porquês antes de dar aula. Enfim, a Pedagogia trata do teórico e do prático, isto é, da junção desses dois elementos, pois é preciso ter o teórico para fazer o prático.

---

<sup>34</sup> Em suas palavras, a participante entende como práticas coercitivas a violência, estipular limites, por exemplo, o limite da liberdade. Agressão, roubo, acabar com a liberdade de expressão, acabar com o livre arbítrio, privar o homem do prazer, de desejo, colocando, fazendo com que ele tenha que sentir prazer, sentir desejo, se satisfazer trabalhando. Por exemplo, hoje as pessoas não têm tempo para diversão, então se satisfazem no trabalho, então o trabalho tem que ser algo agradável, para a estruturação dessas pessoas.

Ressalta que não tem clareza se a Pedagogia é uma Ciência da Educação ou se seria Ciências da Educação.

Herbert, aluno do último ano do curso de Pedagogia, considera que o campo da Pedagogia é tudo que se refere à educação.

Para ele, o curso de Pedagogia é formado por outras ciências, o que acaba colaborando para que o profissional não seja qualificado para todo o campo e sim, só para algumas áreas. Sendo assim, o profissional escolhe se irá formar-se em séries iniciais e administração, ou em orientação, por exemplo.

Para ele, o curso de Pedagogia é um retalho e isso é visto de forma positiva para o participante. Ele considera que há cursos, com duração de quatro anos, em que você tem uma única visão daquela ciência. Já no curso de Pedagogia você tem a visão das Ciências Sociais, da Psicologia, por exemplo.

Herbert considera que essas ciências oferecem aportes ao campo da Pedagogia e que se a mesma fosse uma ciência em si, construída totalmente fechada, ela não conseguiria abarcar todo o campo que é a educação. Já que para entendermos algumas questões de educação precisamos compreender que sociedade é essa em que vivemos, ou até outras sociedades. Devemos perceber como o indivíduo é construído e, assim sendo, necessitamos saber como a Psicologia, os assistentes sociais e a Sociologia vêm isso, pois uma questão apóia-se na outra.

## **2-Papel do curso de Pedagogia na formação do profissional e quais as condições para esta formação**

Charles diz que, assim como ele, muitos autores têm escrito que estamos passando por uma crise planetária. Uma crise global, uma crise em que a humanidade não sabe exatamente para onde está caminhando, já que estamos vivendo um paradoxo. Ao mesmo tempo em que a humanidade nunca se viu tão próspera, do ponto de vista da sua produção material, das suas possibilidades tecnológicas, talvez ela nunca tenha se visto também diante de um futuro que pode ser tão próximo do seu extermínio total. Tal problemática gera uma crise profunda, crise de falta de perspectiva, de horizonte, de sentido.

E essa crise atinge as instituições e, conseqüentemente, as instituições estão tendo que se repensar por completo. As instituições abarcam desde a família, passam pela escola, enfim, todo o conjunto de instituições que fazem parte do tipo de organização social em que vivemos.

A crise nas instituições atinge a idéia de autoridade, pois quando há um rompimento desta, inverte-se o sentido das mesmas e, conseqüentemente, o sentido de autoridade se perde. Pensando nisso, Charles acredita que para formar um educador para atuar nessa sociedade em crise de valores, em crise institucional, é necessário que ele saiba fazer uma boa leitura desse momento histórico em que estamos vivendo. Então, ele acredita, correndo o risco de polarizar entre duas coisas, em uma formação mais ampla e abrangente que sustentasse os fundamentos dessa formação e por outro lado, numa formação que fosse capaz de dar o instrumental, pois é preciso que o indivíduo saiba minimamente movimentar-se dentro do seu campo de trabalho, seja na escola ou em quaisquer outros lugares que vá atuar. Ou seja, é indispensável saber fazer a leitura do mundo que está vivendo e conhecer o sentido do trabalho que irá realizar na escola. O pedagogo tem que ter clareza de quem é o sujeito que ele está formando e para que tipo de sociedade.

É indispensável que se tenha uma boa formação teórica, o que significa compreender aqueles aprendizados que nos trazem a Sociologia, a Filosofia, a Política, a Economia. É fundamental, mas não basta aprender somente pelo academicismo, é imprescindível aprender a Filosofia pela Filosofia, aprender a Sociologia pela Sociologia. Senão, forma-se um aluno que tem certa erudição, mas na hora que ele se defronta com a realidade, ele não consegue dialogar com o seu aluno, não consegue dialogar com o que o aluno traz de sua realidade. Então, ao invés desse conhecimento favorecer o diálogo do professor com o aluno, do educador com o educando, acaba barrando, dificultando tal diálogo. Por que ele se vê dono de um conhecimento erudito, acadêmico, mas não consegue ver e compreender o conhecimento do outro.

Cabe destacar que essa formação teórica deve ser capaz de uma ação transformadora, porque não se trata de mera erudição, pois quando estiver em sala de aula, tem que ter a capacidade de desenvolver uma prática transformadora. E, para Charles, a universidade acaba dicotomizando isso, pois há os que lêem os clássicos e acham que é o certo, e os que acham que só saber fazer é suficiente.

Há pouco diálogo na academia. A academia é um lugar onde as pessoas cristalizam-se muito em seus lugares. Há um conjunto de relações que permeiam a instituição da academia e as pessoas conversam pouco, cada um fica no seu canto. Muitos acham que até conseguem fazer a leitura completa do mundo, que o seu saber é absoluto. Mas precisamos sair um pouco dos nossos lugares, o mundo está mostrando isso. As autoridades estão balançadas, onde está a verdade? Precisamos entender ciência mais como uma capacidade de produzir verdades provisórias e também de gerar boas perguntas e talvez assim a gente mude um pouco, mudamos nossas concepções, relações.

Alícia considera que o curso deve dar base para que o professor saiba lidar com as mais diversas condições em sala de aula. Por exemplo, se o professor tem em sua sala de aula uma criança com necessidade especial, o mesmo tem que saber lidar com essa criança. É preciso que o professor faça a ligação do conteúdo com a realidade, com a sala de aula e isso depende da base teórica que será oferecida pelos professores no curso de Pedagogia.

Para Rochele o papel do curso é oferecer instrumentos para pensar os processos de ensinar e aprender, em diferentes âmbitos. Ao mesmo tempo, trabalhar a noção de que os instrumentos são ferramentas que foram constituídas até agora e são somente instrumentos. A forma como escolhemos usar ou criar a partir deles e as escolhas do não uso também são escolhas nossas, são escolhas humanas.

O curso precisa proporcionar a reflexão de como cada um se posiciona diante do mundo e que instrumentos têm.

Vagner, que é sociólogo e lecionou Sociologia no curso de Pedagogia, acredita ter uma visão muito específica do papel do curso de Pedagogia. Ele acredita que de alguma maneira, todos nós deveríamos ter alguma passagem pelas disciplinas ou formação da Pedagogia, especialmente quem vai para uma carreira acadêmica ou para a carreira docente.

Porém, particularmente, não gosta da estrutura dos cursos de Pedagogia e da maneira como estão organizados, pois em sua visão, não conseguem nem preparar o profissional para desenvolver a Pedagogia na aplicação de determinados conteúdos específicos e nem conseguem formar um profissional puro em Pedagogia. O que ele não sabe se é necessário, mas destaca, é que a literatura não distingue a Ciência da Educação da Pedagogia e isso gera uma tensão. O curso deve ser repensado na sua totalidade, tentando encontrar qual é o lugar específico dessa formação no interior de várias disciplinas. Por

exemplo, no curso você tem uma disciplina que é a Didática, mas não adianta você ter Didática, se você não tem conteúdo.

Para Vagner, o professor tem o papel de sistematizar melhor o conhecimento, quais são os questionamentos, quais são as polêmicas que existem em torno de um determinado tema. Porém, ele acredita que exista um embate entre as disciplinas que são vistas mais como uma técnica e as outras disciplinas que são vistas mais como conteúdo. Acredita que o curso poderia ser mais longo, talvez um curso de cinco anos, com três anos de algo específico e mais dois anos de direção pedagógica. Por exemplo, o curso de Pedagogia oferece a disciplina Sociologia da Educação, mas o profissional não sai formado para dar essa disciplina do ponto de vista que um sociólogo domina, então é extremamente diferente ter aula de Sociologia com alguém que é formado em Sociologia do que com alguém que é formado só em educação. Para Vagner isso não é uma questão de preconceito, é uma questão efetivamente do nível de conteúdo. Para ele, o pedagogo sai preparado para lidar com o domínio de algumas discussões de caráter mais próximo, do que seria uma Ciência da Educação, ou de algo no sentido de discussões de como se dá o processo de ensino e aprendizagem, quais instrumentos utilizarem. Mas destaca que o inverso também é verdadeiro, por exemplo, acha que várias pessoas que dominam o conteúdo específico e estão preparadas para dar aula de História, Geografia, Sociologia não dominam instrumentos básicos da Pedagogia para estar dentro da sala de aula. Então a questão que fica é como juntar essas duas situações.

Para Fatume, o curso de Pedagogia é o lócus de formação do professor, é a base do docente em si. Tanto para atuar na escola, quanto na universidade. Ultimamente debatemos muito no seu dizer “Quem é o profissional que queremos formar?”

Basicamente, Fatume espera formar um profissional, um docente, uma pessoa que saiba lidar com a rica diversidade da sala de aula, ou seja, conhecendo o ser humano, conhecendo as pessoas, conhecendo o funcionamento das pessoas naquele contexto em que elas estão, como se dão as relações e como isso sofre alterações.

Para Rose o curso deveria oferecer professores capacitados. Acha que o curso começa na infra-estrutura. Então, a própria universidade tem que ter condições: salas, bibliotecas. Também que dê informação, pois considera que estas demoram muito para chegar aos alunos na universidade, como por exemplo, resoluções do Ministério de Educação e Cultura (MEC).

O curso deveria ser mais atualizado, isto é, os alunos ficam vendo, por exemplo, na disciplina História da Educação, as histórias da Grécia e não vêem o que está acontecendo no Brasil hoje.

Para ela, o curso com a nova grade ficou muito difícil, os alunos não têm mais tempo de ler, de fazer disciplinas em outros cursos, de participar do Centro Acadêmico, de uma palestra, pois estão tendo aula de manhã, tarde e noite. É preciso de mais tempo para se formar e isso não deveria ser só no curso de Pedagogia, deveria ser um pressuposto de qualquer curso.

A universidade pública tem que ter mais comprometimento social, já que a participante pondera que não está sendo formada só para ela, a sociedade está pagando para ela estar dentro da universidade, ela acha que tem que dar aula na rede pública. Isto também deveria ser uma condição do curso, por ser numa universidade pública.

O curso acaba oferecendo também mais uma formação para o professor do que para o pesquisador, já que o curso não tem monografia. Deveria haver mais incentivo dos professores, mais iniciações científicas. Mas considera que é uma falha conjunta: há os professores que não querem abrir suas pesquisas, não dão incentivos e os alunos que são acomodados.

Para Herbert, o papel do curso não é somente formar. Acredita que é formar, informar e dar condições de atuação do profissional. Isto é, não somente ter aulas, é dar condições para que a educação seja aplicada, pois desde o primeiro dia de curso já se fala em educação e também no curso de Pedagogia se diz muito que o que aprendemos em sala de aula acaba não sendo aquela educação que as pessoas acreditam.

Então, é preciso que os alunos busquem informações fora do curso para se formarem pedagogos. Isto acaba sendo uma contradição do curso e, as pessoas que acabam ficando somente em sala de aula não saem tão bem formadas como as pessoas que buscam algo paralelo ao curso.

O ideal do curso é que os conteúdos abarcassem o que está além, mas como isso não ocorre é necessário ir além. Pontua que está referindo-se ao curso de Pedagogia, considerando a sua grade (grade antiga), já que não sabe como a nova grade está dando suporte aos alunos.

Herbert evidencia que ouve de muitos colegas da sua turma que não receberam o suporte necessário, estão no último ano e não sabem o que vão fazer agora.

Os estágios são considerados importantes, mas é preciso ir além. O participante acha que, para os alunos que se sentem “perdidos” no último ano, faltou um trabalho de corredor. Destaca que é preciso uma relação entre professor e aluno muito forte, pois senão, eles não conseguem se ver como educadores, ainda são somente alunos.

Herbert levanta o questionamento se é o curso que está errado ou se foi ele que seguiu um caminho diferente (veio com a experiência de outra universidade e talvez não sirva de parâmetro).

Para ele, a educação é um leque muito grande e quanto mais cedo o estudante de Pedagogia buscar algo que julga ser interessante para ele estar trabalhando, vai ver o curso de outra forma, ler os textos de outras maneiras. Pois, enquanto o estudante não tiver nenhum trabalho extra, podemos dizer que vai sempre se ter a mesma visão nas leituras. Claro que cada um vai ter sua experiência ao ler um texto, mas como educador, ele vê que há diferença de uma aluna que somente é aluna em sala de aula e depois vai para casa. Pode ser que essa aluna na hora de fazer uma prova tire 10 e ele tire 0, mas considera que na hora de atuar como pedagogo o 0 dele vire 10 e talvez o 10 da aluna não continue sendo 10. Isso é uma percepção muito forte para ele, no curso de Pedagogia, considerando que a universidade tem um sistema que todos têm que ser iguais e o diferente acaba sendo o excluído. “Diferente” no sentido em forma de pensamento. Salienta que no segundo ano de curso o aluno é capaz de ler um texto fazendo suas próprias críticas. Para alguns professores isso não é importante, basta que seja lido e respondido aquilo que eles esperam. E quando é pedido que as pessoas falem como agiriam em uma determinada situação, elas têm dificuldade e isso demonstra, no seu entender, uma brecha do curso.

### **3-Diversidade**

Para Charles, a diversidade são as diferenças. Diversidade é diferente. Para ele, na literatura sobre diversidade fala-se em diferenças, porém ele também pressupõe que seja respeito. Pois uma diferença é diferença, mas esses diferentes têm que se respeitar. Se conseguirmos avançar nisso, conseguimos construir um mundo mais interessante.

Por outro lado, o participante acha que a diferença abala a nossa orientação existencial e isso explicaria, um pouco, porque odiamos o outro que é diferente de nós. Ressalta que a diferença, a diversidade é muito interessante, mas ela também incomoda, já que a igualdade oferece segurança.

Charles, para ilustrar melhor o que entende por diversidade, conta um exemplo que aconteceu com si próprio: ele viveu por um ano e meio na Espanha e considera que viveu um choque cultural às avessas. Isto é, sofreu um choque cultural quando voltou ao Brasil e não quando foi para a Espanha.

Vivendo na Espanha, Charles, do ponto de vista estético, reeducou seu olhar para não ver o diferente. Identifica isso como seu próprio processo de subjetividade de identificação com a cultura branca, européia.

Retornando ao Brasil, decidiu passear para se reaclimatar em sua cidade, com seu povo, com sua gente. Percebeu então essa sua gente, seu povo, era entre aspas, pois olhava para a paisagem social brasileira e achava feia, esteticamente falando. Considerando que todo o tempo que ficou na Espanha vivenciou o período de inverno, então sempre via as pessoas bem vestidas, usando roupas adequadas ao frio, como o sobretudo. As pessoas idosas, sempre bem produzidas, eram dinâmicas e faziam excursões. Acostumou-se a esta visão e achava tudo muito bom. E quando retornou ao Brasil, saiu às ruas e viu as pessoas usando trajas como camiseta, short, chinelos havaianas e arrastando o pé.

Essa diversidade causou grande impacto em Charles e desta maneira se flagrou na dimensão do que era ser europeu. Refletiu sobre o que era viver num país onde você não via a diferença e você não ter que lidar com a diferença.

O participante acredita que o brasileiro saiba se relacionar com a diversidade. Argumentando que o diferente é explícito, pois vemos o negro, o índio e às vezes até uma diferença estética. O visual do pobre com a classe média, com o rico. Então há uma variedade de coisas que vemos e convivemos.

Em seu exemplo, evidencia que foi preconceituoso, estranhou seu próprio país, sua própria cultura. E mesmo vivendo num país onde se encontra com a diversidade, identificou-se facilmente com o ambiente cultural e social da Espanha. Comenta que ouviu de um sociólogo que a formação histórica dos países da América Latina se deu olhando para além mar, isto é, sempre olhamos para a Europa. Não há um olhar para si próprio, para o

nosso país e nem para os outros países latinos americanos, haja vista a dificuldade que nós temos em saber os nomes dos países vizinhos.

Para Alícia, aluna do primeiro ano do curso de Pedagogia, diversidade é algo complexo. É uma bagagem de informação. Quando pensa em sua sala de aula, percebe que cada um estava vendo e recebendo as informações de um jeito. Há as diferenças particulares, que são muito singulares. Alícia pensa em diversidade como vários pontinhos diferentes, por exemplo, remete-se aos colegas do cursinho, então pensa em si como a única menina negra, pensa na menina que era lésbica, nas pessoas que moravam na favela, nas meninas que se prostituíam. Existia ali uma diversidade que ela nunca havia parado para perceber, já que as pessoas conviviam com ela todo dia e ela nunca havia olhado para as particularidades de cada um. Para ela, era somente bastante gente estudando num mesmo lugar.

Então quando pensa em diversidade, pensa nas particularidades das pessoas. Acredita em não enxergar as pessoas como uma “massa”, isto é, em olhar para cada uma de forma diferente, olhar para cada uma delas e não olhar para elas como um todo. Diversidade seria ver o individuo como se fosse uma peça que unindo formasse um todo.

Para Rochele, quando trata de diversidade, retoma a diversidade dentro dos alunos do curso de Pedagogia. Lembra que em 1992 a diversidade dos alunos estava posta basicamente na idade e posteriormente nas diferenças entre os alunos que trabalhavam e os que não trabalhavam.

Com a municipalização do ensino, houve um aumento de alunos nas turmas de Pedagogia. Isso fez com que tivesse um maior ingresso de pessoas do sistema público e ao mesmo tempo de pessoas negras.

Para ela, a diversidade é um elemento aliado a nós, o qual nos auxilia a fazer uma Pedagogia que construa mais justiça social, com o intuito de gostarmos mais dessa nossa característica de diversidade racial e cultural. Porém considera que as pessoas não gostam da diferença, da diversidade e ressalta que a presença de alunos negros é importantíssima, porque é uma presença que dimensiona, do mesmo jeito que as pessoas mais velhas, as pessoas que já têm prática pedagógica. A presença de alunos negros nos obriga a não falar sobre, mas falar com, o que é completamente diferente e é mais difícil, porque traz uma inteligência e isso que é diferente. Pois, por conta de vivermos numa sociedade preconceituosa e machista, não colocamos um elemento mental e reflexivo que nos obrigue a ver o que estamos dizendo, então não pensamos e apenas vamos dizendo. Mas quando há a presença do outro, você

imediatamente reflete sobre seu pensamento, porque a fala vai ter um efeito sobre a outra pessoa. E nenhuma outra atitude vai ter esse efeito.

Para Vagner diversidade é variedade. Variedade de seres humanos, de culturas. Nesse caso, Vagner diz que pode se remeter às diferenças, o que ele chamaria de as diferenças no interior do ser humano. Pois, embora haja uma generalidade no ser humano, o mesmo tem uma variedade que implica normalmente em diferenças culturais muito interessantes.

O importante, para ele, é observar essa questão de variedade, a pluralidade de formas do ser humano e saber que isso gerou um processo de diferenciação e desigualdade social e considera que aqui esteja o problema que deve ser refletido: como a diversidade tem servido para gerar diferenciação social e desigualdade.

Para Fatume, diversidade é pensar em todos os seres humanos com suas características, peculiaridades. Ela acredita que há um entendimento que os seres humanos devem ser pasteurizados, homogeneizados, quer dizer, todo mundo deve ser igual. Então, para ela, se houvesse outro modelo, outro parâmetro curricular, haveria o respeito de cada um em sua peculiaridade. Não que houvesse necessidade de existir um parâmetro curricular para cada um, mas que este fosse flexível, e que se pudesse escolher atividades próprias ao contexto encontrado fosse da cultura ou do grupo. Para ela, dessa forma, todos teriam ganhado.

A participante ainda salienta que diversidade não é um problema, é uma riqueza. É uma possibilidade de se atingir a característica da Pedagogia, ou seja, da Educação, que é a relação dos homens com os homens, entre os homens, pelos homens.<sup>35</sup>

Para ela, a diversidade não está sendo respeitada, isto é, desde a nossa “descoberta”, seja a questão indígena, a questão do negro, do migrante, do deficiente ou daquele que está em condição de deficiência justamente por conta de não ter respeitada sua diversidade. Isso não significa que é preciso nivelar, ter vários níveis de conhecimento. Mas, para ela, se há respeito em determinados períodos de desenvolvimento em relação a que determinadas culturas têm como pressupostos, temos um passo para garantir, um pouco, a questão do respeito à diversidade, porque o diferente não é desigual.

Ela destaca que há uma contradição muito grande: não há um respeito pela diversidade, mas há uma exigência pela inclusão. Há a exigência que se cumpra a lei, por exemplo, para uma criança cadeirante. Em uma escola que só tenha escadas, como essa

---

<sup>35</sup> Fatume destaca que quando está falando homens, está subentendido homens e mulheres.

criança vai ao banheiro? Ela irá precisar de ajuda, então não tem nem suas atividades fecais asseguradas. Como essa criança poderá ir bem na escola? Como terá amigos? Como irá para o recreio. A participante se pergunta: a diversidade está sendo respeitada? Para ela, a resposta é não. Há um jogo contraditório entre o que representa a diversidade e o que a inclusão está fazendo.

Para Herbert, aluno do último ano do curso de Pedagogia, diversidade é toda forma de diferença, seja de pensamento, de postura etc. Para ele, a educação ainda não dá conta da diversidade. Considera que pelo histórico da educação no Brasil, esta sempre pensou em “todos”, mas esse “todos” era a própria educação que escolhia. Então, pensar em educação para todos, na década de 1930 era pensar da classe média em diante, principalmente homens e que fossem brancos. E depois houve um movimento de educação para todos com os movimentos sociais, as mulheres e então a educação deixou de ser apenas da classe média. Porém o formato da educação, as estruturas educacionais ainda eram para um único grupo. Pensando no próprio curso de Pedagogia, destaca que há o estudo de vários modelos de educação e Herbert reflete em quem esses modelos de educação estavam pensando.

No Brasil discutiram-se vários modelos de educação, por exemplo, a escola nova, o modelo tecnicista, mas todos eles pensaram sempre no mesmo grupo e por mais que a escola pública tenha a política de todos na escola, são todos dentro da escola. Não é uma educação que todos aceitam que é de formas diferentes. Então, é preciso entender quando se fala na questão de incluir, pois as pessoas estão lá dentro, mas não podem reivindicar seus direitos, porque já estão lá dentro.

Para Rose diversidade é tudo. De raça, gênero, de condição social e pensando no caso do professor, especificamente em sala de aula, seria a diversidade de níveis e ritmos de aprendizagem. Além da diversidade entre os profissionais da escola e estes não considerarem que todos os alunos vão aprender do mesmo jeito, que todos vão gostar do mesmo método. Diversidade é não achar tudo homogêneo, é ver que existe o diferente e a mudança ocorre constantemente, dependendo da situação, dependendo da pessoa.

**4-Condições necessárias para que questões relativas à diversidade étnico-racial sejam tratadas em cursos de formação de professores(as), particularmente o de pedagogia, tanto na educação básica quanto na formação continuada**

Charles não sabe dizer se a palavra condições é boa. Para ele, esta palavra tem o sentido de criar, por exemplo, criar uma disciplina. Em geral, Charles considera que o ideal seria as pessoas começarem a conversar sobre questões relativas à diversidade étnico-racial, pois ele acha que as pessoas não conversam sobre isso. Ressalta que foi aluno da Pedagogia (e eu também) e se pensarmos, não lembraremos discussões sobre raça, etnia, gênero, homossexualismo, religião, indígenas.

Então, uma primeira condição seria as pessoas começarem a falar sobre e para que isso se garanta, o exemplo pode ser uma disciplina ou não. Para ele, não é algo excludente, já que considera fundamental que o assunto passe pelo plano, pelo nível da consciência, pois é necessário adquirir conhecimento e falar a respeito. Porém, destaca que talvez para que isso ocorra seja necessário um apoio, ou seja, dar uma dimensão institucional.

Charles considera que seria importante criar uma disciplina específica para discutir questão racial no curso de Pedagogia, mas não fundamental. Pois essa disciplina pode ser criada, mas sem saber quem iria ministrar e ela poderia se constituir num espaço onde se reforçaria mais ainda o preconceito. Mas o fato dessa disciplina ser criada é importante, pois quando uma disciplina dessas é criada, é a instituição, o Estado que cria, dando visibilidade para essas questões.

Charles relembra uma palestra de Jamil Cury, na qual ele cita um autor que traz a busca pela cidadania e nesta busca, às vezes o Estado tem que ter uma postura mais enérgica, isto é, se preciso for, impor determinadas regras. Por exemplo, a questão da abolição da escravidão: sabemos que foi feita pelos senhores, pois esta já não era mais interessante, mas, de qualquer forma, foi o Estado que decretou a abolição da escravidão.

Às vezes, torna-se necessário que tais atitudes sejam realizadas e Charles destaca que reconhecemos uma situação de desigualdade racial e que, portanto, o negro precisa ser recompensando por toda desvantagem que carrega historicamente.

Charles considera que quando o Estado, a instituição reconhece a importância de determinado assunto, isto tem um peso maior. Por exemplo, no caso da Educação Especial na reformulação do curso de Pedagogia foi criada uma disciplina, reconhecendo que o profissional precisa de uma formação especial, não só para aprender a lidar com essas pessoas, mas para dar visibilidade a essas pessoas. Essas pessoas existem, são portadoras de

direitos, então é preciso que tiremos essas pessoas do lugar onde estão, que é o lugar de invisibilidade. Portanto, medidas como a criação de uma disciplina contribuem, na opinião de Charles, para tirar essas pessoas da invisibilidade e trazer para a visibilidade. Não esquecendo da importância do diálogo e discussão sobre essas questões.

Charles cita como outra medida importante o Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, além da discussão sobre cotas. Para ele, essas medidas ajudam e provocam a reflexão, por exemplo, sobre a diferença de escolaridade entre brancos e negros, pois por mais que brancos e negros tenham adquirido mais escolaridade, são duas curvas que não se encontram, já que existe uma defasagem histórica entre negros e brancos.

As medidas contribuem para ajudar a resolver as situações, considerando que isso passa pelo plano da nossa consciência, pela política, pela nossa visão de mundo, assim como as questões das mulheres, de gênero, por exemplo. É um processo, que os movimentos sociais estão fazendo, dizendo que estão aqui, que são cidadãos e que querem seus lugares.

Para Charles, o silêncio dessa discussão no curso de Pedagogia já denuncia a omissão de maneira muito forte, muito contundente. Se não falamos é porque o problema não existe e se o problema não existe é porque não temos um problema racial. Destaca que a diversidade faz parte do nosso cotidiano, mas ela não aparece na universidade. O que significa também que por conta disso, ela não deva ser discutida, já que quando o professor vai para a sala de aula não vai saber o que fazer com os seus alunos, pois o curso não discutiu a diversidade.

Alicia acredita que em primeiro lugar devíamos deixar de ter seminários sobre racismo, sobre diversidade cultural, porque a leitura de um texto não é condição para a formação do professor na perspectiva étnico-racial. Para ela, também não é necessário existir uma lei para que garanta essa formação. Comenta que Lúcia, professora do departamento de Letras da UFSCar, está lutando para uma disciplina específica no curso de Letras e questiona quais seriam as condições necessárias para apoiá-la. Questiona ainda se será preciso estar no NEAB (Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro), ter um estudo com história e cultura africana e afro-brasileira. Considera que não, mas destaca que não há apoio se as pessoas não estão envolvidas com as questões anteriores.

Para ela, o curso de Pedagogia deve ser mais bem estruturado, porém para que tal organização ocorra, em sua opinião, vai depender de pessoa, por exemplo, pós-graduandos do NEAB, que contribuam para que os graduandos possam ter essa consciência. Para ela, os professores não têm consciência em relação à questão étnico-racial. Pois eles não levam esse assunto para a sala de aula. Talvez seja preciso que haja um questionamento, uma pressão para o tratamento deste assunto. Por exemplo, em sua turma, Alícia destaca que há uma pressão para o trato do assunto por conta de alunos como ela, negra, membro do NEAB. Mas questiona como será nas próximas turmas, considerando que o curso não oferece nenhuma disciplina para tratar do assunto.

Para Alícia é desgastante ter que ficar martelando em todas as aulas para que o assunto seja abordado, assim como também quando surge um assunto sobre raça e todos se voltam para ela, esperando sua resposta. Então Alícia pensa no papel da professora que está em sala de aula neste momento. Qual a idéia dessa professora? Por que não se manifesta? Alícia acredita que seja falta de base para se manifestar sobre o assunto, e neste momento, acredita que sua formação será diferente por conta de participar no NEAB. Mas como ficará a formação dos outros, pois a grade obrigatória não oferece uma formação para o trato da diversidade étnico-racial. É preciso que o aluno entre num grupo de estudos, seja no NEAB ou no grupo do Prof. Valter<sup>36</sup>. É necessário que as pessoas tenham disposição, tenham interesse por esse estudo.

Para ela, se houvesse uma disciplina no curso de Pedagogia, as pessoas desmistificariam muitas histórias/mitos sobre os negros, pois é preciso que o pensamento das pessoas seja desconstruído, pois elas se baseiam somente no senso comum, na televisão, nos próprios preconceitos e não vão buscar uma formação teórica para o assunto.

Seria uma satisfação para Alícia que os professores do curso, de todas as disciplinas abordassem o assunto da questão racial de forma natural, sem ter hora marcada para fazer a discussão.

Alícia se questiona como um professor que está dentro da universidade, que fala tanto em ser pesquisador por excelência, que tem que publicar tantos artigos por ano, que os alunos devem sair do senso comum, ter uma bolsa Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e fazer iniciação científica. Pergunta-se: o que esses

---

<sup>36</sup> Alícia refere-se ao Prof. Dr. Valter Roberto Silvério, professor do Departamento de Ciências Sociais.

professores fazem? Por que esses pesquisadores não têm formação para discutir relações étnico-raciais?

Alícia acha que esta é uma postura mais fácil, quer dizer, é mais fácil mostrar a história da educação, é mais fácil escrever um texto sobre democracia racial. Mais fácil dizer que é um problema social, tratar o assunto de forma estereotipada, deixar tudo como está. Alícia exemplifica que é mais fácil fazer uma faxina sem mexer os móveis do lugar, porque se você move do lugar, depois vai ter que arrumar de outra forma e vai acabar descobrindo uma sujeirinha debaixo dos móveis.

Para Rochele, uma condição fundamental seria a presença do futuro professor(a) negro(a). Dessa forma a realidade estaria posta e seria discutida. Mas destaca que é preciso que o formador seja sensível, de nada adianta a presença do formador, se ele não está sensível para o assunto. Porém, os estudantes também podem sensibilizá-lo. Para Rochele, as duas formas são educativas.

Para ela, quem não se posiciona frente à questão racial é porque leva vantagem. E para, nós que somos brancos, é muito mais fácil não nos posicionarmos, já que não é um problema nosso e obviamente estamos tendo benefícios com essa situação.

Então, muitas vezes, é por meio do confronto como o professor que esse assunto vai vir a ser discutido. Mas quando o professor está sensibilizado para o assunto a ação pode ser mais extensa, porque sai da área do confronto e da justificção e vai para a área do diálogo. Isso não significa que não exista tensão, sempre terá, e temos que aprender a lidar com ela juntos. Os professores e as professoras brancos(as) devem estar sensibilizados para a questão, pois, às vezes, no falar não atingem os alunos, principalmente se não houver a presença de um aluno negro. Para Rochele é importante o diálogo entre o professor branco e o aluno negro. Pois nesse diálogo, o aluno negro pode dizer como se sente, considerando que, às vezes, o professor fala muitas besteiras. Para ela construir esse diálogo na ausência do aluno negro é muito mais difícil e o NEAB faz diferença, com a expansão de seu trabalho, envolvendo alunos negros e brancos e mostrando que não é mais uma discussão solitária e nem mais uma discussão em que o aluno negro tem que ficar se justificando ou se defendendo.

Para Vagner, os cursos de Pedagogia tornam-se incompletos, pois têm uma ausência, que ele considera inconcebível, da Antropologia. Para ele, o curso deveria ter uma carga de Antropologia da mesma maneira que as outras disciplinas. Também há a falta de

disciplinas específicas, pois mesmo as disciplinas clássicas, que lidam com a própria lógica social do antropólogo, não contemplam a temática étnico-racial. E se contemplam, na tensão do étnico na Antropologia e do racial na Sociologia.

Para ele, existe falta de uma formação mais contemporânea do que está ocorrendo na sociedade brasileira nos últimos 30 anos. Considera que isso não é só no curso de Pedagogia, mas em todos os cursos. Destaca que quando lê as ementas de alguns cursos, pensa que ainda estamos nos anos 50, numa problemática que não existe mais, pelo menos não na maneira como ainda continua situado.

Para Fatume, o curso de Pedagogia deve seguir um caminho mais humanista. Para ela, tudo está tecnológico, tecnicista. Temos uma legislação considerada perfeita, mas que não se aplica, assim como alguns conteúdos da Pedagogia que não se aplicam nos dias de hoje.

Fatume destaca que o curso deveria passar primeiro pela valorização do homem e pelo entendimento dos aspectos e dos pressupostos filosóficos, históricos, culturais, sociais e psicológicos, que dão a conotação que o homem tem da sociedade. Este é o grande desafio.

Herbert destaca que o próprio Parecer de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana vem citando condições para o curso. Para ele, o parecer possibilita mostrar um pouco quem é esse povo negro, quem é essa etnia, como vivem neste mundo. E evidenciar a história que poucos historiadores pensaram novamente, isto é, não é falar que a história que está no livro didático que destrói. É mostrar que quando se fala em História e Cultura afro-brasileira e africana não é um problema apenas de negros. Isto é, o profissional não tem que saber isso só porque ele vai ter alunos negros e sim porque ele vai ter alunos negros e brancos. As pessoas consideram que só devam trabalhar a questão racial quando há alunos negros, mas eles têm que entender como os brancos ficam nessa situação. Os brancos precisam entender que para contarem suas histórias, não precisam matar as histórias dos outros povos. Não precisam falar de sua cultura e esquecer-se das outras.

Herbert destaca que por mais que o Brasil tenha sido formado numa tentativa de ser uma nova Europa, os negros têm o legado africano de contarem sua história. É preciso que seja forte a nossa descendência africana. É necessário que as escolas digam às crianças que elas são negras, que são brasileiras, mas que possam dizer que são afro-brasileiras.

Para ele, quando uma criança tem um problema na sala de aula, a medida é levá-la para o psicólogo. Devemos pensar que talvez o problema seja que ela não se sinta bem na sala de aula porque não é aceita, não pode dizer que é negro.

O participante ainda enfatiza que é preciso compreender que há outras formas de pensamento. Não devemos analisar o Brasil só do ponto de vista europeu. Como fica o que está fora desse padrão?

Se todos estão se formando nos cursos de formação de professores, Herbert acredita que precisamos caminhar para toda a diversidade. Os cursos de formação têm que pensar nessas questões, têm que colocar isso na grade curricular, para que haja uma mudança na sociedade brasileira. Para ele, é essencial a existência de uma disciplina obrigatória, que começasse a introduzir o tema. Pois no caso da sua turma de Pedagogia, considera que alguns formandos terão sensibilidade para trabalhar a questão, por ele, como aluno negro, levantar essas questões em sala de aula, pois se ele não estivesse ali, essas questões seriam pouco trabalhadas com os professores. E não por maldade dos professores, salienta Herbert, mas por não terem formação.

No caso de Herbert, destaca que buscou uma formação paralela, mas e os profissionais que não tiveram a formação para o trato desse assunto. Não se forma um aluno só com uma palestra sobre questão racial.

O curso não está pensando em quem os profissionais vão encontrar lá fora. O curso oferece uma educação para o padrão. Além disso, os profissionais precisam ser sensíveis. Herbert ressalta que ser sensível é acreditar que o problema da questão racial pode ser uma arma para matar um aluno na sala de aula. É falar sobre o problema quando algo acontece. Os profissionais, independente de serem negros ou não negros, devem trabalhar pensando no negro, no que é ser negro, qual a história do povo negro, independentemente de a pessoa trabalhar ou não com questão racial. É preciso que a pessoa tenha uma disposição a mudar a situação, não somente aproveitar a situação para conseguir um benefício, isto é, Herbert diz que em 2003, o Prof. Valter disse que o negro estava na moda, então para ele, pessoas não negras e negras se aproveitam dessa questão. Há muitas pesquisas na área da questão racial, as pessoas se aproveitam do que sabem, seja para seu próprio benefício, seja pelo lado econômico, mas no dia-a-dia não trabalham a questão, não sensibilizam outras pessoas, não entendem que a questão racial não é apenas um problema dos negros e sim dos negros e dos brancos.

Para Herbert, ser sensível não é pesquisar a questão racial, é ser atuante para que possamos avançar. Nesse sentido, pergunta-se: quem seria o aliado do negro no Brasil? O que as pessoas querem com a temática racial? Não considera que todas as pessoas sejam assim, mas destaca que sofre racismo de pessoas que se dizem sensíveis à questão. Pois ser sensível não é somente aceitar o outro, ou seja, não é somente tolerar.

Para Rose, primeiramente é necessário que os professores compreendam que todas as questões étnico-raciais não são meramente ter um negro ou não na sala de aula. E também que a questão não pode ser imposta dentro do curso, que o aluno tem que ver e sentir a importância do assunto e deste modo, ele irá se sensibilizar para o assunto. Rose acredita que para ocorrer uma sensibilização o aluno precisa enxergar seus próprios preconceitos, que foi o que ela fez. Percebeu suas atitudes, as atitudes da família. Além da ausência de alunos negros na universidade. Mas não sabe dizer como as pessoas poderiam se sensibilizar.

Quanto ao curso, considerando sua estrutura atual, em sua opinião, não promove nenhuma sensibilização. Mas talvez com a grade nova, a coordenação comece a dar condições<sup>37</sup>, independente dos professores, pois só alguns tratam do assunto.

Considera que as discussões que ocorreram em sua sala de aula foram conseqüências da demanda de alguns alunos e professores. Cita, por exemplo, alunos da sua turma que fazem parte do NEAB e que, desta forma, levaram contribuições para a sala de aula, fazendo com que os alunos tivessem inúmeras experiências no trato da questão racial e considera que não foram somente os alunos sensibilizados, os professores também. Mas destaca que isso não é o suficiente, como também talvez não seja suficiente o fato de criar uma disciplina, pois quando o curso passou pela reformulação, o discurso era muito bom. Tratar dessas questões era importante, mas quando havia um movimento de abordar o assunto em uma disciplina, o professor falava que isso não entrava na disciplina dele. Para ela, isso pode ser reflexo de uma não preparação para lidar com o assunto ou a não sensibilização da importância do tratamento da questão racial.

##### **5- Necessidade ou não da criação de uma Pedagogia anti-racista, para o tratamento da diversidade<sup>38</sup>, é preciso criar uma Pedagogia anti-racista?**

---

<sup>37</sup> O curso de Pedagogia foi submetido a uma reformulação. Rose é aluna da grade antiga.

**No caso da necessidade de criação de uma Pedagogia anti-racista, quais seriam as condições?**

**No caso da não criação, quais seriam os motivos?**

Charles não sabe dizer o que significaria criar uma Pedagogia anti-racista, pois para ele se fosse preciso criar uma Pedagogia anti-racista, seria também preciso criar uma Pedagogia anti-machista, anti-ricos arrogantes, anti-corruptos, anti várias questões. Ele diz não saber criar uma Pedagogia mais humanista, no sentido que coubesse dentro dela lidar com todas as formas de exclusão social.

Para Charles, talvez o caminho seja incluir na Pedagogia as discussões de todos os assuntos. As discussões sobre gênero, étnico-raciais, valores. Então, não se deve criar uma Pedagogia anti-racista e sim uma Pedagogia humanista e que o anti-racismo esteja dentro dela, assim como os outros anti, senão corre se o risco de fragmentar e colocar o conhecimento em “gavetinhas” e achar que isso irá resolver o mundo.

Alícia questiona se é preciso criar uma Pedagogia anti-racista ou é preciso fazer com que as situações sejam vistas em sua forma real. Por exemplo, no assunto das cotas: é preciso ter cotas ou fazer uma reformulação na educação? Será preciso criar uma Pedagogia anti-racista?

Alícia acredita que de imediato sim e considera que o parecer oferece uma base teórica para lidar com esse assunto que tanto incomoda as pessoas. Mas não quer que fique somente na criação de uma Pedagogia anti-racista e que seja uma solução para a vida toda. Que a Pedagogia trate do assunto, sem ter que criar uma Pedagogia anti-racista, pois exemplifica dizendo que não quer um remédio para a doença e sim que a doença não exista. Gostaria que as pessoas falassem da questão racial por si mesmas e que esta forma não fosse deturpada.

Para Alícia, em primeiro lugar a Pedagogia anti-racista não poderia defender o negro e atacar o branco. Essa Pedagogia não fosse usada pensando na defesa de direitos, que por meio dela fosse defendida o direito dos negros e se fizesse a imposição de deveres aos

---

<sup>38</sup> Tendo como base o Parecer do Conselho Nacional de Educação 003/4 de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

brancos. Para ela, isso é uma divisão muito básica que os professores fazem: branco ruim e negro coitado. E isso não fez bem para as crianças, deve se trabalhar com as crianças sem estereótipos.

Destaca que os professores em suas práticas pedagógicas incorporam esses estereótipos e isso passa a ser natural e então pensam numa Pedagogia anti-racista que incorpora esses estereótipos.

Sendo assim, para Alicia, a Pedagogia anti-racista não deve incorporar esses estereótipos. Salienta que a dificuldade de pensar na construção de uma Pedagogia anti-racista é porque não tem formação para poder trabalhar com isso.

Para Rochele, é preciso que se crie uma Pedagogia anti-racista e nesse sentido acredita que a Pedagogia precise de mais conhecimento, isto é, conhecimento histórico, que não seja um conhecimento parcial. Nesse sentido, considera fundamental a contribuição dos Movimentos Negros, porque diz que nós não nos educamos sem a convivência, sem um material para viver a partir dele, sem o conhecimento. Para ela a Sociologia e Antropologia ajudam, assim como a Filosofia, mas considera que os conhecimentos que temos dessas áreas tampouco dão conta. Não se pode pensar que uma Pedagogia anti-racista se resuma a uma disciplina, por exemplo.

Rochele salienta que é preciso ter uma disciplina, mas somente isso não. Pois dentro das instituições educacionais há um movimento rápido da criação de um determinado assunto, mas é feito um recorte e desta forma, ocorre uma imobilização da temática e de muitos espaços onde esteja fundada.

No caso de se falar em grade curricular, temos que considerar que precisamos do conhecimento e destaca a importância do papel da pesquisa, do papel dos movimentos, de espaços dentro da escola, da academia, da formação. É preciso pensar que a questão seja tratada no curso todo, não em uma disciplina, pois isso não é um tema que se resolva em uma disciplina.

Rochele destaca que tem dificuldade de dizer o que seria uma Pedagogia anti-racista, mas saberia dizer o que a Pedagogia atual não tem e porque ela não é uma Pedagogia anti-racista.

Para Rochele, a Pedagogia não tem uma tradição de formação. Exemplifica que a área da Didática é tida como uma área de referência da Pedagogia, por mais que as pessoas possam dizer besteiras a respeito do curso de Pedagogia, mas a área da Didática está

fundamentada no curso. E o fato de pensarmos na necessidade de uma Pedagogia anti-racista traz questões muito importantes de serem tomadas e talvez isso seja o mais interessante da questão, já que não se faz um recorte de um conhecimento que está num único lugar, de uma única maneira. E é preciso que seja pensada dentro do currículo formal, pois Rochele diz ter escutado de colegas que esse é um tema transversal e reflete: “então porque é transversal não precisa estar em lugar nenhum e de novo, é tudo ou nada”.

Rochele destaca que é preciso que esteja formalmente no currículo e considera que é melhor que esteja em uma disciplina do que em nenhuma. Isto é, considera que não seja suficiente o trato da diversidade étnico-racial em uma disciplina, mas o tema precisa estar em um lugar formal.

Destaca a importância da Professora Petronilha, a quem recorreu e recorre tantas vezes para saber como trabalhar. Destaca a importância de um interlocutor, mas quem não tem com quem conversar vai buscar isso onde?

A Pedagogia anti-racista seria examinar o conhecimento próprio da Pedagogia, que é o da tradição pedagógica e se perguntar o que faz essa Pedagogia ou o que ela não faz. O que ela faz de ruim e, nos perguntamos qual a Pedagogia que queremos ter, que temos que ter.

Vagner, professor e pesquisador na área de Sociologia, está convencido que é preciso criar uma Pedagogia anti-racista. Não saberia dizer se por forma de uma disciplina, mas é o pensar na questão pedagógica que lide com a questão do racismo.

Para ele, a nossa sociedade se estruturou num conjunto de valores que são racialmente informados e nossa formação, como profissionais, ocorre dentro do processo racialmente informado. Então é preciso que se desconstrua a partir dos mesmos processos utilizados como base para a transmissão de conhecimento.

Destaca que o parecer deve merecer uma análise mais profunda do que a que vem sendo feita, considerando que o mesmo ajuda na reflexão do assunto. Traz a experiência do Projeto São Paulo: Educando pela Diferença para a Igualdade<sup>39</sup>, que mostra a necessidade da criação de instrumentos para o trato do racismo e traz à tona que a grande maioria dos

---

<sup>39</sup> O Projeto São Paulo: Educando pela Diferença para a Igualdade é um projeto que foi criado em 2003, tendo caráter piloto, com o objetivo de formar professores da rede pública do estado de São Paulo para o trato da diversidade étnico-racial. Posteriormente o projeto saiu de seu caráter piloto e em parceria com a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, a Cenp, a UFSCar, NEAB/UFSCar está formando professores, da rede pública do estado, em todo o Estado de São Paulo. Atualmente o projeto já formou mais de 12.880 professores em todo o estado de São Paulo.

professores, a massa dos professores, não tem noção de que eles praticam atos racistas, que eles discriminam em sala de aula, eles não têm a mínima noção de suas práticas.

Pensando que posteriormente após o Projeto São Paulo, em sua grande maioria, os professores passam a refletir sobre suas práticas, Vagner considera que um programa amplo deveria ser estabelecido, até que os cursos de formação de professores, de maneira ampla, incorporassem essa dimensão da formação.

Fatume, professora e pesquisadora da área de Educação Especial, diz que não criaria uma Pedagogia anti-racista, mas uma atitude anti-racista. É preciso que se destrua um pensamento que já está difundido, feito, encucado, é preciso mostrar que as atitudes podem ser diferentes.

Destaca que através do parecer será possível fazer uma revisão dos conteúdos e possibilitar que as pessoas prestem mais atenção, mas espera que essa não seja a única oportunidade para que se garanta essa mudança. É preciso que não se trate do negro só no dia 13 de maio ou na semana do 20 de novembro, é preciso que se trate da questão num contexto, na diversidade.

Para Herbert, a Pedagogia anti-racista deve ser criada com certeza. A Pedagogia que temos hoje não é nem um pouco anti-racista, não que ela seja uma Pedagogia racista, mas ela também não faz nada para acabar com a discriminação.

Para Herbert a Pedagogia anti-racista não é um novo curso, mas é fazer com que a Pedagogia incorpore elementos que trabalhem a questão das relações raciais. A Pedagogia anti-racista seria um novo ramo da Pedagogia, colocando elementos em seu currículo, pois uma Pedagogia anti-racista começa nas bases.

Rose acredita que a Pedagogia deveria ser anti-racista por si só. Mas não sabe dizer se seria preciso ou não a criação de uma Pedagogia anti-racista.

## **6- Recomendações para elaboração ou implementação de uma Pedagogia anti-racista**

Charles diz que sinceramente não saberia dizer quais seriam as recomendações para a elaboração de uma Pedagogia anti-racista e em termos de medidas remete a sua fala

anterior, que é preciso que as pessoas mudem os valores, os pensamentos. O professor deve sair do seu lugar e conversar com outros professores, com os alunos.

Alícia considera que é mais difícil que pensar na Pedagogia anti-racista é implantar a Pedagogia anti-racista. Ela considera que o assunto das relações raciais, ainda é muito encoberto para que as pessoas tratem.

Para Rochele, é preciso que haja rápido um “site” com material, com referência histórica. É preciso que se criem espaços, seja em todas as disciplinas ou em uma específica. Os conhecimentos discutidos no curso devem dialogar com questões sobre o racismo, sobre gênero, escolhas amorosas. Por exemplo, o que estudar um determinado livro do Piaget vai me ajudar na discussão das questões colocadas acima. São necessários desafios para que a gente fique mais efetivamente inteligente.

Vagner destaca que uma primeira recomendação é uma discussão com a comunidade<sup>40</sup> sobre a implementação de uma Pedagogia anti-racista. É necessário que a comunidade esteja convencida da importância dessa questão e que se possa estabelecer uma fórmula para os diferentes cursos.

Enfatiza que é importante realizar discussão com as várias entidades de formação, associações nacionais, estudar um processo de incorporação dos conteúdos no curto, médio e longo prazo. E pensando especificamente no caso da educação, Vagner acha que a área da educação tem um grande problema que é não perceber a educação como política pública. A educação precisa ser entendida com uma política pública e que ela tem que responder não aquilo que os professores pensam ou o que as universidades querem, mas aquilo que a sociedade tem como necessidades sociais.

Herbert considera que inicialmente se deva começar pela estrutura do curso de Pedagogia. Deve haver no currículo oficial do curso uma disciplina com conteúdo sobre a questão racial e que os professores, independentemente de trabalharem ou não na disciplina, façam um curso para aprender sobre as relações étnico-raciais. Temos que entender que é algo que precisa ser trabalhado, não dá mais para ficar no “faz de conta”. É preciso que se pense o comprometimento do curso e da universidade com a questão racial.

Para Fatume, é preciso que a Pedagogia compreenda a realidade em que está a partir de um novo olhar, valorizando o homem e mulher que esteja nesse meio.

---

<sup>40</sup> Comunidade está sendo entendida por Vagner como a universidade.

Rose acha que as recomendações dependem da postura que as pessoas vão ter, pois não adiantará colocar só o que é imposto pelo currículo. Ou seja, é preciso que as questões sejam colocadas no currículo, mas que também exista a sensibilização das pessoas.

## CAPÍTULO IV: NA TRILHA DE NOVOS CAMINHOS

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se elas podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto”.*

*(Nelson Mandela)*

### **1- Encaminhamentos**

Concluir esta pesquisa me remete a vários sentimentos. Fecho, sem dúvida, mais uma etapa da minha vida, o que me causa grandes alegrias. Mas também deixo nesse trabalho a saudade do processo do tornar-me pesquisadora, que só pode ser realizado com as leituras que não findaram, o estudo de pesquisas, trocas com pesquisadores(as) mais experientes e menos experientes e também pelo aprendizado de escrever uma dissertação. Sei que jamais findarão os diálogos e o aprendizado construídos junto com minha orientadora, com outros(as) pesquisadores(as) do grupo de pesquisa do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB) e da Linha de Pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos, com os(as) participantes da pesquisa, assim como com as pessoas que fizeram e fazem parte da minha vida e diariamente, me ajudam no entendimento e compreensão do mundo.

Continuarei a ser pesquisadora e principalmente continuarei me formando, já que este processo, não chega ao fim, pois ao continuar a aprender e a reaprender, novos olhares surgem sobre situações já observadas, e por isso as considerações aqui apresentadas não estarão encerradas ao concluir este trabalho. Espero, neste último capítulo, poder contribuir com algumas reflexões acerca da Ciência Pedagogia, do curso de Pedagogia e diversidade étnico-racial e também discutir a Pedagogia anti-racista. Espero que tais reflexões

possam lembrar antigos e suscitar novos diálogos para a discussão de formação de professores(as) e diversidade étnico-racial.

Assim sendo, é cabível retomar a questão de pesquisa que orientou a investigação e esteve presente nas reflexões dos(as) estudantes e professores(as) que participaram deste processo. Além do mais, é desta questão que parto para elaborar as considerações finais do presente trabalho. Eis a questão:

*“Como a diversidade étnico-racial é tratada e como deve ser tratada no curso de Pedagogia, no entender de alunos(as) e professores(as)?”*

A contribuição dos(as) participantes da pesquisa extrapola a própria questão de pesquisa e por isso podem subsidiar novos questionamentos e pesquisas, que o escopo deste trabalho não conseguiu esgotar.

Compreender as discussões em torno do campo da Pedagogia é condição para entender como a diversidade étnico racial é tratada e deve ser tratada na formação de professores(as). Esta questão foi tratada no capítulo I, em que se tentou mostrar duas linhas, não rígidas de pensamento, para expressar o campo da Pedagogia. Uma das linhas compreende a Pedagogia como um conjunto de ciências, de diferentes áreas do conhecimento que tratam do fenômeno da educação. A outra entende e confere à Pedagogia o estatuto da ciência, cujo objeto central são processos de ensinar e de aprender, em diferentes circunstâncias, em instituições escolares e não escolares, em relações sociais e étnico-raciais.

As divergências e convergências entre as duas linhas aparecem nas falas, posicionamentos e ponderações dos(as) participantes.

Embora adotem uma ou outra linha, há um acordo entre eles(as), de que a Pedagogia seja entendida como Ciências da Educação ou Ciência da Educação, tem como centro de suas preocupações de estudo o tratamento dos processos de ensino e de aprendizagens.

Assim sendo, mostram em suas falas que o campo da Pedagogia vem sendo constituído não somente por campo das elaborações teóricas feitas por pesquisadores mais ou menos eminentes, mas de modo privilegiado no dia-a-dia das salas de aulas, nas relações pedagógicas entre os(as) professores(as) e seus(as) alunos(as).

Para alguns dos participantes, a Pedagogia tem como tema central os temas da didática, tais como modos de ensinar, recursos didáticos, meios e maneiras e de divulgar conhecimentos e também de produzi-los.

Nota-se que entre os professores, que são pedagogos do curso de Pedagogia, o objeto legítimo de estudos deste campo são os processos de ensinar e aprender, já professores de outras áreas de conhecimentos, como Psicologia, Sociologia, consideram que a Pedagogia não produz uma área de conhecimento e que se valeria apenas de conhecimentos produzidos por outras ciências. Alguns pedagogos entendem como dito anteriormente, que a Pedagogia articula outras ciências, mas não possui um campo próprio. Discussões como essa, sobre o campo da Pedagogia e que incidem sob a identidade do curso de Pedagogia, não ocorrem apenas no contexto brasileiro, mas também na França, como bem mostra Charlot (2006)<sup>41</sup>.

Voltando à posição dos professores do curso de Pedagogia não pedagogos, gostaria de sublinhar que evidenciam a dificuldade do diálogo na academia, entre diferentes áreas do conhecimento, demonstrando não apenas disputas de concepções divergentes, mas disputa de poder, reconhecimento e superioridade.

O exercício do diálogo e a promoção de conhecimentos que atinjam a todos(as), torna-se necessário entre pessoas, professores(as) e estudantes na academia. É preciso que saiam de seus lugares, muitas vezes cômodos e preconceituosos, e questionem suas verdades, o que poderá promover debates produtivos, sem desqualificação de algumas áreas por outras. E assim poderá promover revisão constante de pensamento, atitudes e discursos, ao confrontá-los em sua diversidade.

No entanto, os(as) participantes dessa pesquisa, sejam docentes ou estudantes, sinalizam que o mais importante na formação do(a) pedagogo(a) é a possibilidade de leitura do momento histórico em que se encontra; movimentar-se dentro do seu campo de trabalho; ser capaz de compreender a visão de mundo de grupos sociais e étnico-raciais distante do seu; saber quem é o sujeito que está formando e para qual tipo de sociedade; questionar a cristalização do diálogo na academia; lidar com as diversas condições de uma sala de aula e de seus(suas) alunos(as); participar da gestão democrática do estabelecimento de ensino onde atuar. É neste quadro que a formação dos(as) pedagogos(as) deve abordar a educação das relações étnico-raciais.

---

<sup>41</sup> Ver Charlot, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área do saber. In: Revista Brasileira de Educação v. 11 n.31 jan/abr.2006

Para tanto, é necessário que os(as) futuros(as) pedagogos(as), desde sua formação inicial, cheguem às escolas procurando conhecer os(as) alunos(as) que ali estão e não os(as) que estão no seu imaginário. Embora, hoje haja muita discussão acerca da não existência do(a) aluno(a) ideal, muitos(as) professores(as) têm dificuldades em trabalhar com a diversidade. E pensando na educação das relações étnico-raciais acontece a invisibilidade de alunos(as) negros(as). Frequentemente, ouvi de colegas ou em cursos de formação de professores(as) que não sabiam dizer quantos alunos(as) negros(as) haviam em sua sala de aula. Geralmente essa fala vem acompanhada da famosa frase que ‘somos todos iguais’. Assim, a diversidade pode tornar-se invisível aos olhos do(a) professor(a), do conhecimento produzido e da formação deste profissional.

Não posso negar que há um reconhecimento da diversidade no Brasil, mas ainda perduram idéias, “verdades” e práticas que insistem na promoção de uma educação racista e preconceituosa.

Há uma invisibilidade e silêncio<sup>42</sup> a respeito da diversidade étnico-racial. É como se ela não existisse, já que o Brasil é considerado um país de miscigenação em que se viveria uma democracia racial.

A diversidade pode incomodar, pois a igualdade oferece segurança, como ressalta a fala de um dos participantes. Oferece segurança para os não negros e não negras que ao longo da história ocupam um lugar seguro: o de dominação. Não reconhecendo no outro a sua existência, o seu saber, a sua história, a sua cultura e as suas contribuições.

Pensar na diversidade é também pensar nas características e particularidades de cada pessoa. É não olhar o todo como uma ‘*massa*’ *uniforme*, como se fôssemos todos(as) iguais. A escola deve reconhecer e valorizar as diferenças que constituem a diversidade sejam elas quais forem.

Tratar da diversidade étnico-racial no curso de Pedagogia remete-nos à necessidade de olhar para nossa própria formação e percebermos que faltam informações, conhecimentos e posturas, atitudes convenientes para a convivência na diversidade. É importante que todos(as) nós nos vejamos constituintes dessa diversidade.

---

<sup>42</sup> A discussão sobre diversidade étnico-racial na educação é recente. O silêncio vem se tornando menor a partir das discussões e ações do Movimento Negro, assim como também da criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com os Temas Transversais, em especial o de Pluralidade Cultural; a promulgação da Lei 10.639 e o Parecer de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que regulamenta a mesma, assim como a corrente discussão dentro das universidades sobre ações afirmativas.

É de suma importância que ocorra um entendimento de que a diversidade étnico-racial não é um constructo teórico ou uma área de pesquisa, a diversidade, particularmente a étnico-racial, é constitutiva da sociedade e da realidade e, o cotidiano é perpassado pelas relações que se estabelecem nessa sociedade. E ela também está presente na escola, fazendo parte do cotidiano escolar e não pode deixar de ser tratada, mas não tratada no sentido de ser um tema, uma aula, mas de reconhecimento de que a diversidade é constitutiva. Em outras palavras, pedagogos e pedagogas devem reconhecer, estudar e trabalhar a diversidade da população brasileira, respeitando e valorizando as diferenças sociais, étnico-raciais, econômicas, de orientação sexual, as necessidades especiais etc., promovendo assim uma Pedagogia anti-racista.

De acordo com Silva (2002), “*não cabe mais aos educadores e às educadoras aceitarem a diversidade étnico-cultural só mais como um desafio*”. Seja a diversidade cultural, social, econômica, étnico-racial, como cidadãos e cidadãs éticos(as), compromissados com a modificação da realidade social e a construção de uma sociedade justa, põe-se diante de nós, a responsabilidade de

*“uma postura e uma tomada de posição diante dos sujeitos da educação que reconheça e valorize tanto as semelhanças quanto as diferenças, como fatores imprescindíveis de qualquer projeto educativo e social que se pretende democrático”.*(Silva, 2002, p. 31)

Diante desta situação o curso de Pedagogia precisa oferecer condições para que a diversidade étnico-racial, entre outras, sejam tratadas no mesmo e possibilite formação na qual todos(as) pedagogos(as) possam concluí-lo preparados(as) para trabalhar com todos na sua especificidade e peculiaridade; sendo capazes de enxergar, diariamente, seus alunos(as) negros(as), e não apenas no dia 13 de maio ou na Semana da Consciência Negra.

Para tanto, será necessário que o curso busque elementos para garantir a educação das relações étnico-raciais. Neste sentido, os(as) participantes da pesquisa afirmaram que é preciso que o curso ofereça e promova conversas sobre a diversidade étnico-racial e a garanta diálogo consistente, por meio, por exemplo, da criação de uma disciplina específica no curso.

Os(As) participantes da pesquisa acreditam que a criação de uma disciplina faz com que a instituição tenha que assumir e dar visibilidade a quem é invisível aos olhos de muitos que são cegados por preconceitos.

Atualmente a discussão das relações raciais ou da diversidade étnico-racial ainda não ocorre no curso de maneira satisfatória. Remetendo-me ao período em que cursei a graduação, recordo que a discussão iniciou-se na maioria das vezes pelos(as) alunos(as), e a discussão promovida por professores(as) foi bem pouca.

De acordo com o depoimento dos alunos participantes da pesquisa, a ausência da discussão por parte dos professores talvez possa ser explicada pela ‘não consciência’ dos mesmos em relação ao assunto, à questão.

Diante da obrigatoriedade, firmada por lei, o estudo sobre relações raciais e a transformação das práticas pedagógicas traz a necessidade de que o curso de Pedagogia conte com professores(as) preparados(as) para suscitarem e discutirem as relações raciais e a diversidade da sociedade nas disciplinas que conduzem em sala de aula.

A criação de uma disciplina pode ajudar e contribuir na desmistificação de histórias/mitos sobre os negros que ocupam os pensamentos das pessoas, além de sensibilizar os(as) alunos(as) para o respeito e trato da diversidade.

É importante ressaltar que uma disciplina sobre relações raciais não é somente uma disciplina. É um ambiente que pode ajudar a sistematizar a reflexão, dando encaminhamentos para a educação das relações étnico-raciais formando profissionais que trabalhem em prol do respeito, reconhecimento e valorização da diversidade.

A formação de um profissional se dá em vários aspectos e sempre é contínua. Pensando na formação para a educação das relações étnico-raciais, todos(as) os(as) participantes apontaram como ponto de partida o estudo e reflexão do Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, documento legal que tem que ser cumprido, além também da discussão sobre ações afirmativas, em especial, as cotas nas universidades que mobiliza toda a sociedade.

O estudo do Parecer já citado, como ressaltam os diálogos com os(as) participantes da pesquisa, possibilitará ao curso diversos encaminhamentos para uma mudança, pois não só mostra a história do povo negro, como, principalmente evidencia uma história que é pensada por poucos historiadores, ou seja, mostra que a História e Cultura Afro-Brasileira não deva ser conhecimento apenas dos negros, mas também dos brancos, dos indígenas, dos descendentes de asiáticos, a fim de que entendam que “ao contarem suas histórias, não matem a história de outros povos”.

Diante disso, vimos que a realização de uma boa formação para o trabalho com a diversidade étnico-racial nas escolas, por exemplo, vai além das disciplinas, exige estudo, reflexão e comprometimento. Há a necessidade de uma formação que esteja em todos os lugares e atividades da instituição. Ou como diz um participante, há a ‘formação de corredor’, ou seja, ir além da sala de aula.

Um apoio e espaço para essa formação de corredor são os trabalhos desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB), na UFSCar. Mas nem todos os alunos do curso de Pedagogia participam do NEAB, assim lhes falta formação sólida para o trabalho com e na diversidade étnico-racial, já que a grade curricular obrigatória do curso não oferece formação específica, com que a abordagem e discussões dessas questões se realizem a partir de disposição e interesse pessoal de alguns professores(as) e alunos(as).

O silêncio e ausência da discussão sobre a diversidade étnico-racial no curso denunciam a omissão diante de um problema, cuja solução tem alta relevância pedagógica e social.

Desse modo, fica nítida a dificuldade em falar, discutir e refletir o assunto, seja do ponto de vista teórico, educacional ou estrutural da universidade.

A fala de uma das participantes ilustra bem essa dificuldade: ‘é mais fácil fazer uma faxina sem mexer os móveis do lugar, porque se você move do lugar, depois vai ter que arrumar de outra forma e vai acabar descobrindo uma sujeirinha debaixo dos móveis’, ou seja, é mais fácil tratar o assunto de forma estereotipada, dizendo que é um problema social, e que por isso a tensão das relações étnico-raciais não existe.

A presença de professores(as) negros(as) na universidade, na opinião de um dos participantes, colaboraria na construção do diálogo sobre a diversidade étnico-racial, considerando, por exemplo, no caso da UFSCar, em que o número de professores negros em comparação ao número de professores brancos é bem baixo.

Também é ressaltada uma sensibilização por parte do(a) professor(a) branco(a), para que a construção do diálogo sobre o assunto possa ocorrer. Neste sentido, mais uma vez há o destaque para o trabalho do NEAB, para o desenvolvimento de trabalhos com alunos(as) negros(as) e brancos(as).

Pensar nessa formação para o trato da diversidade étnico-racial é fazer com que alunos(as) e professores(as) adquiram sensibilidade, mas não a sensibilidade de fazer da diversidade um tema de pesquisa, de um plano de aula para o 13 de maio ou outro para

organizar a Semana da Consciência Negra, mas uma sensibilidade de entender que o racismo, a discriminação racial não é um problema só dos(as) negros(as) e sim um problema de todos(as) cidadãos(ãs) brasileiros(as), logo tem de ser combatido por todos(as).

Tratar da diversidade étnico-racial exige que o curso ofereça condições à valorização dos seres humanos na sua diversidade. Permita o entendimento dos aspectos e pressupostos filosóficos, históricos, culturais, sociais e psicológicos que dão conotação ao ser humano no seio da sociedade.

Ao se pensar em condições para tratar diversidade étnico-racial no curso de Pedagogia, outra questão fundamental se põe: é necessário criar uma Pedagogia anti-racista?

Criar uma Pedagogia anti-racista pode nos fazer pensar na necessidade de se criar uma Pedagogia anti-machista, anti-ricos arrogantes, anti-corruptos, anti várias posturas e visões de mundo? No entanto, há que ponderar que uma Pedagogia anti-racista tem o intuito de se combater qualquer tipo de discriminação, pois não há como combater a discriminação racial e permitir que outros preconceitos e discriminações possam ocorrer no ambiente educacional ou em quaisquer outros lugares.

Criar uma Pedagogia anti-racista, como salienta o próprio Parecer do Conselho Nacional de Educação sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, é pôr em prática uma política curricular, é evidenciar a necessidade de aprendizagem entre brancos(as) e negros(as), eurodescendentes, indígenas, a fim de que o racismo possa ser combatido, na esperança de o Parecer vir a tornar-se um documento histórico, ou seja, não mais um documento legal necessário para a escola e para a sociedade.

Uma Pedagogia anti-racista tem que ser fruto da ciência e Pedagogia, são meios/ações e reflexões direcionados para combater o racismo e reeducar as relações étnico-raciais, no sentido de que todos(as) se reconheçam cidadãos(ãs) e se formem cidadãos(ãs) com cidadania plena.

O curso de Pedagogia perpassa a todos e a todas, sejam eles(as) alunos(as), professores(as) e também a sociedade, considerando que os(as) profissionais formados(as) ultrapassam os muros da academia e vão dialogar seus conhecimentos, seja na escola, em organizações não-governamentais, empresas ou outros lugares.

Também não basta apenas o reconhecimento formal, é necessário que se reconheça e ocorra o tratamento da diversidade étnico-racial nas ações e falas diárias. Alguns

participantes da pesquisa, mesmo tendo o reconhecimento, o trato da diversidade étnico-racial em suas práticas e sendo sensíveis ao assunto, tiveram falas ainda predominantes dentro de uma ideologia, na qual, o diverso ainda não é reconhecido e valorizado, pensando-se no homem ao invés de homens e mulheres, na formação de uma única criança, ao invés de todas as crianças, por exemplo.

É papel de todos e todas, seja do curso de Pedagogia, de seus professores e suas professoras, do currículo, da universidade, da sociedade em geral a responsabilidade em reconhecer, valorizar, respeitar e tratar da diversidade étnico-racial na sociedade brasileira.

Assim sendo, uma Pedagogia anti-racista conduzirá um novo sentido para educação, não apenas para os(as) alunos(as) negros(as), mas também aos alunos(as) não negros(as), possibilitando uma ação transformadora de relações desqualificadoras de seres, opressora de uns sobre outros.

A Pedagogia anti-racista, no meu entendimento, jamais se encerrará numa disciplina, mas sim numa mudança de postura e prática do professor e da professora, assim como numa mudança na produção do conhecimento, ou seja, como destaca Silva (2003) é preciso que ocorra “*quebra do domínio intelectual, político, material, centrado numa única visão de mundo, de ciência, de cidadania de origem européia e estadunidense, requer diálogo entre estas visões e outras, como as de raiz africana, indígena, asiática.*” (p.52)

A função de uma Pedagogia anti-racista é promover a construção de uma educação pautada na promoção de cada um(a) na particularidade, enquanto ser humano válido e enquanto cidadão(ã) eticamente atuante. É a busca de uma educação que possibilite a todos e a todas serem vistos(as) e ouvidos(as), respeitados(as) e afirmados(as) em suas diferenças, e com iguais direitos garantidos pela democracia.

Reconhecendo a importância de medidas como a Lei 10.639/03 e o Parecer de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, para a construção de uma Pedagogia anti-racista, desejo que possamos conseguir que uma Pedagogia anti-racista promova nas pessoas a capacidade de indignação diante do racismo e das discriminações que permeiam a sociedade, inclusive as instituições educacionais, e que estando diante desta, lutem e promovam educação que se eleve em práticas de uma democracia completa, porque abrange a todos(as).

Desta forma é preciso que ocorram mudanças nos valores e pensamentos correntes. Para tanto é preciso que os materiais sobre a diversidade étnico-racial sejam

disponibilizados; que exista um diálogo com a comunidade, acadêmica ou não. Que o curso de Pedagogia possa abarcar uma estrutura que compreenda a realidade de cada ser humano, que seu currículo não esteja voltado para um padrão único.

Que possamos perceber que o curso de Pedagogia é um ambiente não considerado aqui como o único, mas central para que a Pedagogia anti-racista seja discutida, buscada, pesquisada, testada e dialogada.

Como ressalta Cavalleiro (2001) os problemas raciais não acontecem apenas na escola, e também os profissionais da educação não são os únicos responsáveis pelas práticas de racismo na sociedade, mas são essenciais no processo de formar cidadãos e cidadãs “livres de sentimentos de racismo”.

O curso de Pedagogia deve ser entendido como um curso que perpassa a todos(as), sejam eles(as) alunos(as) ou professores(as) e na produção de seus conhecimentos têm em si a possibilidade de mudança de postura e de prática. E que possa na formação de professores e professoras, e conseqüentemente a formação da sociedade, oferecer uma postura de indignação diante do racismo e uma prática que assuma, respeite e valorize a diversidade de seus cidadãos e cidadãs.

## REFERÊNCIAS

**Anais do Fórum de Educação – Pedagogo: que profissional é esse.** Coordenação de Dolores Maria Borges de Amorim. Belo Horizonte: FAE/CBH/UEMG, set/2002. Parte I – Conferências.

BANKS, James. Democratic Citizenship Education in Multicultural Societies. In: Banks, James. (editor) *Diversity and citizenship education: global perspectives*. San Francisco: Jossey-Bass, 2003.

BRASIL. LEIS ETC. DOCUMENTAÇÃO CIVIL. *Política Antidiscriminatória. Crimes de Tortura. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Programa Nacional de Direitos Humanos*. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, 1998. 97p.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. *Plano Nacional de Educação*/Ministério da Educação e do Desporto. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1998.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Summus, 2001.

DUARTE, Sérgio Guerra. **Dicionário Brasileiro de Educação**/ Rio de Janeiro: Edições Antares: Nobel, 1986.

DUSSEL, Enrique. “La eticidad de la existencia y la moralidad de la praxis de liberación”. In: **Introducción a la filosofía de la liberación**, 5º ed., Bogotá, Editorial Nueva América, 1995, pp 140-172.

DUSSEL, Enrique. *Para uma ética da libertação Latino-Americana, III Erótica e Pedagógica*. Edições Loyola (São Paulo) e Editora Unimep (Piracicaba), 1996.

ESTRELA, Albano. *Pedagogia, Ciência da Educação?* Porto Editora (Portugal), 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Regina Leite. Pedagogo que profissional é esse?. In: *Anais do Fórum de Educação – Pedagogo: que profissional é esse*. Coordenação de Dolores Maria Borges de Amorim. Belo Horizonte: FAE/CBH/UEMG, set/2002. Parte I – Conferências.

GIORDI, Amedeo. *Phenomenology and psychological reserach. Pittsburg*, Duquesne University Press, 1985.

GOMES, Nilma Lino. A contribuição dos negros para o pensamento educacional brasileiro. In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e & BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. (orgs). *O Pensamento negro em educação no Brasil: expressões do movimento negro*. São Carlos: Ed. UFSCar, 1997.

GOMES, Nilma Lino & SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O desafio da diversidade. In: **Experiências Étnico-Culturais para a formação de professores/** organizado por Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, - Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HASENBALG, Carlos A. e SILVA, Nelson do Valle. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, Rio Fundo Ed., IUPERJ,1992.

HENRIQUES, Ricardo. *Desigualdade racial no Brasil: Evolução das Condições de vida na década de 90*. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: 2001.

JACCOUD, Luciana de Barros e BEGHIN, Nathalie. *Um balanço da Intervenção Pública no Enfrentamento das Desigualdades Raciais no Brasil*. IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: 2002. (Versão Preliminar)

KING, Joyce Elaine & COLLEGE, Megdar Evers. Usando o pensamento africano e o conhecimento nativo da comunidade. In: **Experiências Ètnico-Culturais para a formação de professores/** organizado por Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, - Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LDB- *Lei de Diretrizes e Bases/* Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?**/ 6. ed. – São Paulo, Cortez, 2002.

LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação e da Pedagogia/* Tradução e notas de Luiz Damasco Penna e J.B. Damasco Penna. –19. ed. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. (Atualidades pedagógicas; v. 59)

MAIGA, Hassimi O. Nossa herança africana – Reflexões de um educador do Mali em uma Universidade Historicamente Negra. In: **Experiências Ètnico-Culturais para a formação de professores/** organizado por Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, - Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

OLIVEIRA, Rachel. *Preconceitos, discriminação e formação de professores - do proposto ao alcançado*. São Carlos: UFSCar, 2001. (Tese Doutorado)

PAVIANI, Jayme. Merleau-Ponty: A Fenomenologia e as Ciências do Homem. In: *Seminário sobre Pesquisa Fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais*, organizado pela Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Associação Nacional de Pesquisa em Serviço Social e Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais, em outubro de 1989.

VII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, *Relatório Final dos Trabalhos do GT – Pedagogia* em Águas de Lindóia, de 31/08 a 4/09 de 2003.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e & BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. (orgs). *O pensamento negro em educação no Brasil: Expressões do movimento negro*. São Carlos: Ed. Da UFSCar, 1997.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Citizenship and Education in Brazil- The contribution of Indian peoples and Blacks in the struggle for citizenship and recognition. In: Banks, James. (editor) *Diversity and citizenship education: global perspectives*. San Francisco, Jossey-Bass, 2003.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Espaços para Educação das Relações Interétnicas: contribuições da produção científica e da prática docente, entre gaúchos, sobre o

negro e educação. In: SILVA, L.H.da. *A escola cidadã no contexto da Globalização*. Petrópolis, Vozes, 1998.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção, SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e & SILVÉRIO, Valter Roberto. (orgs). *De preto a afro-descendentes: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos, SP:EdUFSCar, 2003.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Pesquisa em Educação, com base na Fenomenologia. In: *Seminário sobre Pesquisa Fenomenológica nas Ciências Humanas e Sociais*, organizado pela Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Associação Nacional de Pesquisa em Serviço Social e Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais, em outubro de 1989.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Educação e identidade dos negros trabalhadores rurais do Limoeiro**. Porto Alegre, FAGED/UFRGS, 1998. (Tese de Doutorado)

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Negros na universidade e produção do conhecimento. In: *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e & SILVÉRIO, Valter Roberto. (orgs). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2003.

WOOD, Peter. **Diversity The Invention of a Conception.** Ed.Encounter Books, San Francisco, California, 2003.

## **ANEXO**

Unidades de Significado	Temas	Dimensões	Observações